

HISTORIA
DE
UMA MOÇA RICA.

DRAMMA EM QUATRO ACTOS

POR

F. PINHEIRO GUIMARÃES

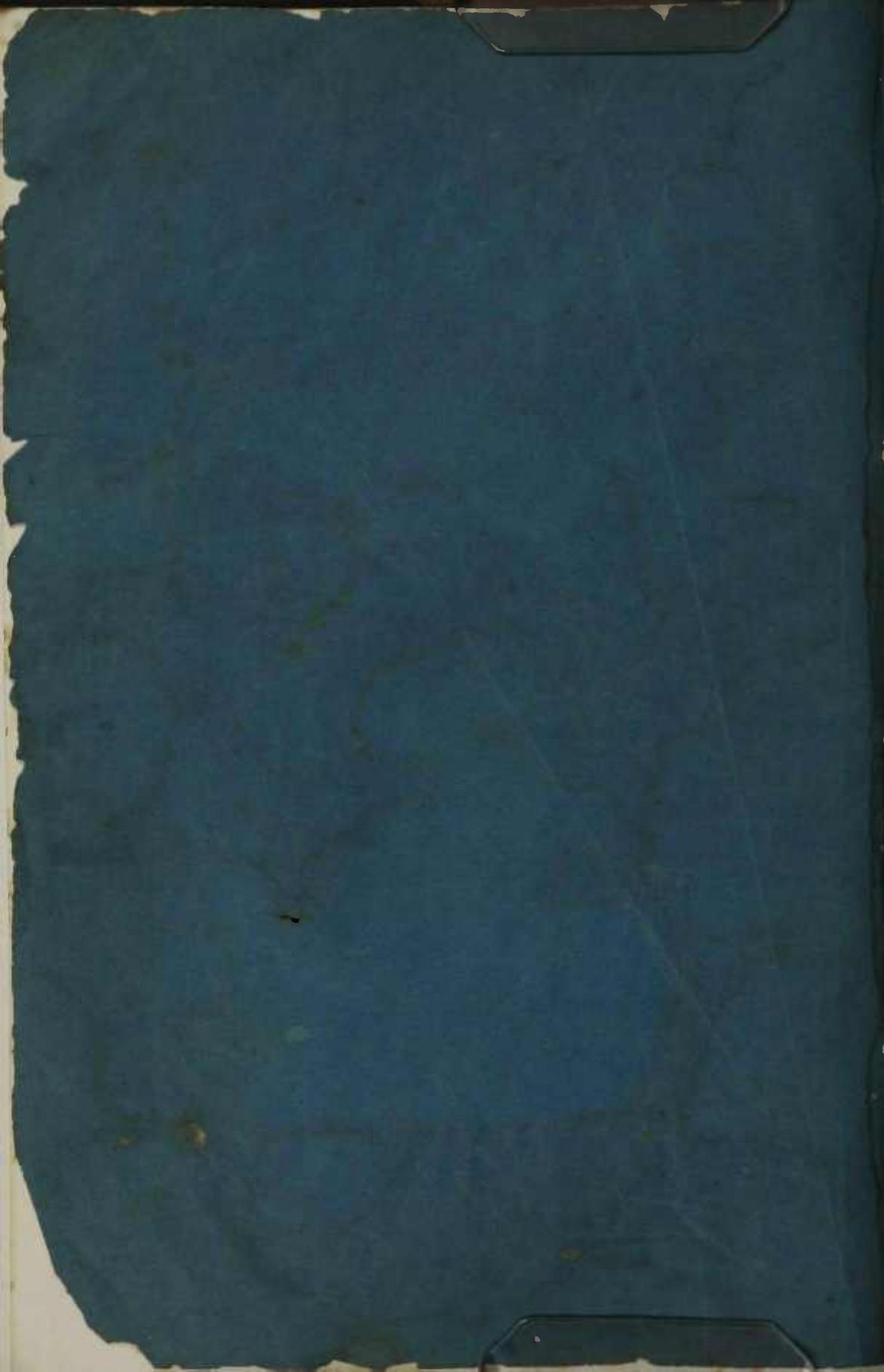
JOSE' VAZ CORREA COIMBRA
MERCADOR
de livros, papel, chá, miudezas, etc.

LOJA DO LIVRO VERDE

48. Rua da Quitanda 48.

CAMPOS

1861.



HISTORIA
DE
UMA MOÇA RICA.

HISTORIA

»

UMA MOÇA RICA. //

DRAMA EM QUATRO ACTOS

POR

// F. PINHEIRO GUIMARÃES //



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO

1861. //

**Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe !
Qui sait sous quel fardeau la pauvre ame succombe ?**

(VICTOR HUGO.)

A

ADELAIDE CHRISTINA DA SILVA AMARAL

Artista inspirada, que soube dar vida e colorido a este
pallido esboço dramático.

AO DR. FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES.

Meu amigo.

Vas imprimir o teu drama e fazes bem.

Os que te julgarão ouvindo-te julgar-te-hão ainda melhor lendo-te.

Os que te julgarão sem prova correr-se-hão de have-lo feito.

Ganhão com a publicação tu e o publico ; tu que de accusado passáras a juiz indulgente e generoso de teus pobres detractores, o publico que te applaudio e que na calma reflectida da leitura apoderar-se-ha melhor, se me é permittido dize-lo, do teu pensamento e da tua obra.

Intentaste e venceste um bello e generoso pleito.

Foste o defensor da mulher, da victima de uma sociedade corrompida e hypocrita, que ousa endeosar seus vicios e alcunhar-se de pura porque é forte, de justa porque julga e condemna sem appellação para outro tribunal melhor.

Tomaste a these do Evangelho e fizeste della a tua profissão de fé de poeta dramatico.

A tua obra sahe do sacrario da consciencia e traz o cunho dessa indignação generosa que caracteriza os verdadeiros poetas.

Sei que misturados aos louros que te cingirão a frente de triumphador se ennastrarão espinhos agudos e pungentes. Mas que importa !

Um dos grandes tribunos das liberdades patrias disse-o quasi a subir ao cadafalso :

São as lides que formão cavalleiros.

Recebeste o baptismo de fogo nas aras da popularidade. Filiaste-te a phalange dos combatentes do progresso á qual pertencias do direito pelo coração e pela intelligencia.

Ainda bem! Assim se vae ella renovando, porque a cada hora a morte nos rouba um companheiro querido, uma esperança das mais viçosas, um irmão emfim, um desses caracteres leaes que como Manoel Antonio de Almeida sabião aliar aos dotes mais elevados da intelligencia os ainda mais nobres do coração.

E porque retrincarão a tua obra e quizerão fazer della um holocausto ao que elles chamão moralidade?

Attacaste tu a familia, idealisaste o vicio, cantaste na lyra as saturnaes da volupia, fizeste do impudor uma virtude, proferiste o verbo de um *realismo* immundo, foste buscar inspirações ao lupanar e pedir os estribilhos da orgia para embalar os espectadores do teu drama?

Não. Foste verdadeiro demais—é esse o teu crime.

O typo de Magalhães esboçado a traços incisivos, ferio aos outros seus consocios que por ahí andão de cabeça alta a *moralisar* a sociedade. Reproduziste-os na scena com a fidelidade de um daguerreotypo. Tartufo sentio cahir-lhe a mascara e quiz vingarse do atrevido que ousava arrancar-lh'a.

Os luctuosos dramas da nossa vida intima, que sempre começam pelo adulterio torpe e terminão as vezes pelo assassinato, fornecerão-te a teia da tua composição.

Filha sacrificada, esposa ultrajada, quasi suicida no desespero, virtuosa ainda na corrupção, a tua heroina não é um typo puramente ideal: é verdadeiro.

Deixa-os fallar. O theatro já não é nem póde ser unicamente uma distracção. E' uma escola como o templo. O poeta tem cargo d'almas, e tu és poeta. Deves contas a ti mesmo e a sociedade da tua missão.

Aos palladares, melindrosos que se revoltão com os manjares

por demais succulentos, serve-se a comedia chocarreira e insipida, profundamente insipida, a que se applicava bem o dito daquelle rei que accordava sempre ao terminar da representação perguntando entre accordado e dormido: — « *Já casarão esses bebados!* »

Aos outros, porém, aos intelligentes, aos pensadores é preciso nutril-os com diversa iguaria.

Querem elles que nas producções do poeta, atravez da ficção e do devaneio, dos esplendores e arabescos da linguagem, brilhe uma grande verdade moral, uma grande these humanitaria, demonstrada em bellos versos ou em prosa castiça e terça.

Censurarão-te porque foste por uma vereda e não por outra, porque seguiste o atalho, por onde só costumão embrenhar-se os homens fortes, e não a estrada real por onde passa o vulgacho rasteiro, azemulado e sem garbo.

E' boa! Tem elles direito de te fazer essa pergunta? E's tu ou são elles o autor do drama?

Crês e sentas—escreves. Julguem a obra e deixem-se de procurar intenções.

Repito, a these moral do teu drama, é a mesma do Evangelho — a regeneração da mulher.

Tomaste a causa desse ente fraco e forte a um tempo, e fizeste-lhe a apologia contando-lhe o martyrio.

Não foste buscar os teus contrastes ao mundo da imãginação, buscaste-os na vida real. Ao lado de Amelia que representa a pureza nos primeiros actos, Braulia a mulata, a mulher aviltada pela escravidão, e a quem desde o berço desfolharão d'alma, um por um, todos os instinctos santos.

Ao lado de Henrique, o proletario generoso e intelligente, Magalhães, o avido e brutal ambicioso, sem consciencia, sem dignidade; infame até comprar sua noiva, vil até esbofetear sua mulher, baixo até roubar os seus credores.

IV

Ao lado de Vieira, o homem honesto mas cheio de estúpidos preconceitos que o tornão quasi feroz, a baroneza de Periripe, isto é, a immoralidade coberta de lantejoulas, a miseria sem dignidade, que pede esmola de luva de pellica e busca na intriga os meios de reparar a sua imprevidencia.

Ao lado de Antunes, alcaioite e parasita, o Dr. Áthur, pintalegrete ridiculo e desmiolado, que foi á Europa provar que no Brasil os tolos não são planta exotica.

Todas essas figuras sobresaem com o relevo da verdade.

O espectador acha em cada uma dellas a reprodução de um typo que lhe é familiar e conhecido.

E' esse o principal merito do teu drama, é esse o motivo da cruzada que se levantou contra ti.

A nossa sociedade tem progredido intellectualmente é verdade, mas moralmente baixa n'uma progressão lastimosa.

Em quanto tivermos escravos e saltimbancos politicos, uns a corromper a familia e outros a corromper a nação, não melhoraremos, porque é preciso ter uma alma temperada pelo padrão das maiores virtudes para resistir a dupla influencia delecteria do lar domestico e do ambiente publico.

Disse o divino Platão que:— *O bello é o esplendor do verdadeiro.* A tua obra busca o typo apontado pelo—Homero da philosophia.

Quizerão ver na tua heroína um desses typos sordidos de mulher perdida, dessas que o vicio tornou moralmente cadaveres e que vendem caricias a tanto por hora aos homens, ou bastante grosseiros ou bastante corrompidos que lh'as vão comprar.

Remontaste mais alto: foste a origem do mal. Pensaste com Herculano que a mulher:—*Muitas vezes na verdade desce arrasada por nos ao charco immundo da extrema depravação moral; muitissimas mais, porém, nos salva de nós mesmos*

e pelo affecto e enthusiasmo nos impelle a quanto ha bom e generoso.

Olhaste para a sociedade, olhaste para a victima, e traçaste o teu quadro que illumina a verdade, e cujas linhas accusão já a mão firme de um homem corajoso.

Nas condicções desgraçadas do nosso theatro dramatico foste duplamente feliz, achando uma scena para a tua obra e artistas que ta entendessem.

Tiveste melhor sorte do que José de Alencar a quem a policia cortou *As Azas de Um Anjo*, que elle reproduzira do natural com a a sua imaginação de poeta.

Entre os teus censores alguns houve de boa fé e de superior illustração.

A algumas censuras que elles te fizerão não achei eu razão.

Querião por exemplo, que tivesses feito a victima resignada e calma ante o verdugo que lhe amargurava os dias.

Em primeiro lugar, onde estaria o drama? Na longa serie de torturas inflingidas hora por hora a uma pobre mulher que, nem tinha a consolação de ser mãi?

Mas, um tal spectaculo, prolongado atravez de quatro actos, podia ser hediondo, mas era infallivelmente enfadonho, além de não ser real.

Na vida é isso uma excepção, e não é com excepções que se moralisa uma sociedade que ainda se debate nas trevas moraes da sua primeira existencia.

A idealisação da verdade é sem duvida uma das condicções da poesia, mas o molde em que deve ser vasado o drama precisa a meu vêr de outras condicções.

Se o poeta dramatico quer dar de facto a sua obra—o esplendor da verdade para que ella seja bella—, como se guindará ao céu das abstrações para lá crear um mundo todo seu e em nada parecido áquelle em que eile deve doutrinar as massas?

N'uma obra dramatica a logica é tão necessaria como no calculo. Estabelecidas as premissas devem seguir-se rigorosamente as conclusões.

E' por isso que Amelia regenerada pelo arrependimento devia casar com Henrique, não para aurir essa felicidade intima que é unicamente partilha da dupla virgindade de corpo e d'alma, mas para dar um pai a sua filha, que nas condições em que fica e com todos os preconceitos sociaes, de facto será a victima do tormentoso passado de sua mãe.

Esqueceste-te de a fazer millionaria, o que deixaria então supôr ao espectador que numerosos pretendentes lhe disputarão a mão, não só d'entre os Magalhães vulgares, mas ainda d'entre os mais atilados e polidos.

O final do teu drama satisfez um pouco a critica dos peccadores impenitentes que te quizerão condemnar. Estimaria que lhe não tivesses feito essa concessão. Ha gente a quem se não deve pedir nem dar treguas.

Cada um tem sua missão — elles de maldizer, tu de zurzilos.

Andão por ahí muito secios, todos brincados de palavrões campanudos, a fallarem em *realismo*, *romantismo*, *classismo*, que sei eu, e outras cousas de arrear.

Emquanto porém elles esbravejão contra a immoralidade de um drama nacional, e se estasião ante tanta pacotilha dramatica, até indecente, que nos vem de Paris e de Lisboa, mercados que suprem exclusivamente as nossas casas de especulação artistica a que se chama em geral—theatros—, vai tu e os outros fundando o theatro nacional.

O tempo abrir-lhes-ha para as suas produções scena mais vasta e digna da arte.

Os elementos que andão dispersos tambem se virão a reunir formando um todo,—uma companhia, que interprete as composições patrias na altura que ellas merecem.

O teu drama, nacional pelo fundo e pela fórma, é mais um elemento, e grande, desse edificio da litteratura brasileira, que a nova geração a que pertencemos, está elevando com desvelada energia, e que apenas começado hontem, já conta producções do quilate mais subido.

As palavras desanimadoras que escaparão a Gonçalves de Magalhães no prologo do seu — *Antonio José*, estão desmentidas pelos factos. Os brasileiros já transpozerão o adito do templo da immortalidade, e sem deixar a esperança ao penetrar no formidavel recinto.

Temos em nós como nação essa força intima que arroja os homens ás maiores-empresas. Começamos a ter consciencia della e isso prova que progredimos.

O theatro, como o tem dito e repetido juizes dos mais peritos, é o verdadeiro thermometro da civilisação de um povo. Fundemos pois o nosso ; acabemos com o industrialismo artistico que abastarda, entorpece, esterilisa os melhores engenhos e entrega a musa e os seus cultores aos caprichos da multidão ignorante e embrutecida pelas tradições em que a educarão.

A aurora de uma época nova começa a despontar para a arte entre nós.

Caber-te-ha a gloria de ter sido um dos primeiros que responderão ao appello dos que abrirão a senda por onde vai caminhar o nosso theatro.

A tua obra, que eu espero, que esperamos todos, seja seguida de outras, talvez ainda mais acabadas e perfeitas, valeu uma victoria para a causa que todos sustentamos.

Prosegue. Não te hão de faltar nem artistas como Adelaide para dar acção as tuas idéas ; nem os applausos entusiasticos de um publico sympathico e intelligente ; nem emfim a animação sincera e dedicada de teus pares e amigos.

Jacta est alea deve ser d'ora avante a tua divisa. Curavas até

VIII

agora as dôres do corpo ; curáras tambem as da alma, vertendo o nardo e a myrrha da poesia sobre as chagas sociaes, 'ensinando o perdão aos cffendidos, a generosidade e a doçura aos offensores.

E' largo e bello o estadio que tens a percorrer : não te desviem delle os gritos dos insultadores que acompanhão as ovações populares.

Teu patricio e amigo,

DR. HENRIQUE C. MUZZIO.

PERSONAGENS



Amelia	D. Adelaide.
Baroneza de Periripe	D. Magdalena.
D. Maria	D. Clotilde.
Braulia, mulata escrava.	D. Clelia.
Emilia, menina	N. N.
Rosinha.	D. Julia.
Joanninha	D. M. Fernanda.
Vieira	Heller.
Roberto.	Pedro Joaquim.
Frederico	Paiva.
Henrique	Gonçalves.
Arthur	Freitas.
Alberto	Militão.
Magalhães	Joaquim Augusto.
Antunes.	Graça.
Alfredo	Vasques.
Leopoldo	Torquato.
João da Silva	Flavio.
João, mulato escravo	Athayde.
Um pierrot.	N. N.
Um escravo	N. N.
Um criado.	N. N.

Mascarados de ambos os sexos.

O 1º e 2º actos passão-se em Pernambuco; o 3º na cidade do Rio de Janeiro; o 4º na provincia.

Este drama não póde ser representado, sem prévia licença do autor.



HISTORIA

DE

UMA MOÇA RICA

ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa uma sala mobiliada com luxo antiquario, em casa de Vieira; portas no fundo e dos lados: um piano, etc.



Scena I.

BARONEZA, ARTHUR E JOAO.

A baroneza entra de braço com Arthur, e seguida por João.

BARONEZA.

Então ainda estão á mesa ?

JOÃO.

ainda, sim, senhora; mas vou dizer que minha senhora está ahi.

BARONEZA.

Não é preciso; prefiro não incommoda-los, não digas nada, João.

JOÃO.

Como minha senhora quizer.... Também já estão acabando.

BARONEZA.

Bem; esperaremos aqui. *(João sahe.)*

Scena II.

BARONEZA E ARTHUR.

BARONEZA. *Sentando-se.*

Estimo este pequeno contratempo, pois quero de novo recomendar-te todo o tacto e finura neste negocio; é de certo o mais sério de que tens tratado; e temo por ti.

ARTHUR.

Oh! minha mãe, não é cousa tão de costa acima, e, apesar da minha modestia, declaro que acho-me com forças de levar ao cabo mais difficeis empresas.

BARONEZA.

Põe de parte essas basofias, e ouve-me. *(Arthur senta-se.)* Durante a viagem provei evidentemente—que nada, ou quasi nada, possuímos. O que o barão, teu pai, deixou-nos, já lá vai pela agua abaixo: era pouco....

ARTHUR.

Não tanto; duzentos contos de réis!... Se minha mãe tivesse sido um pouco mais economica poderíamos viver com decencia.

BARONEZA,

Não faças recriminações injustas, meu filho. Bem sabes que não fui culpada; a ignorancia dos negocios, e, mais que tudo, os procuradores, essa raça de roedores insaciaveis, forão a causa da nossa ruina. O meu amor do luxo, confesso, concorreu um pouco para esse triste resultado... Mas tu não gastaste na Europa cincoenta contos de réis em

cinco annos? Ias fazer alli a tua educação, preparar-te para seguir uma carreira que nos levasse ás alturas em que nos deixou teu pai, e afinal vieste.... doutor de Gœthing, um titulo que tem o privilegio de fazer rir.

ARTHUR.

Mas....

BARONEZA.

Mas não percamos tempo, repetindo um ao outro o que perfeitamente sabemos: seja a culpa minha ou tua, de ambos ou da sorte, o que é facto é—que a nossa fortuna está de todo arruinada, e que nesse completo naufragio apenas até agora tenho podido conseguir sustentar-nos á tona da agua, agarrados á uma boia de salvação —o credito. Mas essa mesma, fraca como é, apesar de manobra-la eu com admiravel precisão, não tardará em afundar-se connosco: a agua embebe-a já, e penetra-a por todas as costuras. Em breve se ha de descobrir que as casas em que vivemos, os escravos que nos servem, já estão todos hypothecados. Então as minhas joias falsas a ninguem mais hão de enganar; e o castello de papelão que com tanto esforço tenho podido conservar de pé, minado por todos os lados, ha de vir a baixo. Ai! filho, filho! com terror vejo alli bem perto o rosto esqualido da miseria!

ARTHUR. *Levanta-se.*

Socegue, minha mãe; a nossa posição não é tão feia como a está pintando: a minha intelligencia, os meus amigos e parentes....

BARONEZA.

Tudo isto pouco vale.

Senta-te e ouve-me.

Nunca contrariei o menor dos teus caprichos, nunca te reprehendi: mas as circumstancias hoje são gravissimas; devo, pois, fallar sem reboço á tua razão.

Vamos dar começo á uma grande batalha: eu sou o general, e tu o soldado. Li que Napoleão, do alto dos Alpes, com um dedo indicava ás suas tropas as planicies riquissimas da Italia, e com o outro apontava para os andrajos de que estavam cobertas. O seu exercito comprehendeu-o, e dahi a pouco cevava a fome com as mais delicada

iguarias, cobria a nudez com os mais finos tecidos, e abrigava-se sob columnatas de marmore e porphyro. Sigo o exemplo desse grande capitão; immita o comportamento dos seus soldados. Sim, filho, acredita-me, os teus recursos nada valem, os teus amigos e parentes são miseraveis andrajos: cumpre, pois, vencer esta grande batalha, ou....

ARTHUR.

Basta, minha mãe!

BARONEZA.

Ainda não; quero executar á risca o meu programma. Mais tarde agradecer-me-has esta massada.

ARTHUR.

Mas estou decidido.

BARONEZA.

Sei disso; porém desejo que comprehendas bem o alcance desta campanha, para que melhor possas executar o teu papel. A fertilissima Italia é symbolisada por Amelia, bella e bem educada menina, e, sobretudo, rica como nenhuma outra herdeira de Pernambuco. Tens fome de prazeres, de festas, de luxo; seu pai guarda nos seus cofres com que saciar-te completamente. Eia, granadeiro, ao assalto!

ARTHUR. *Erguendo-se com vivacidade.*

Prompto!

BARONEZA.

Ouve-me ainda. E's bonito rapaz; de Paris te vieste vestindo primorosamente; ninguem como tu amarra uma gravata, ninguem entra melhor em uma sala. E's atrevido: é uma boa qualidade.... Mas cuidado!... As tuas conquistas facéis de Paris exagerarão essa virtude, e quasi a transformarão em defeito. Respeita os prejuizos do velho... olha.... desde já põe fóra este charuto: não te perdoaria elle se te visse fumando na minha presença. E' rabujento, pé de boi; mas procura descobrir-lhe os fracos, o que te será fácil, pois não os occulta. Adula as suas manias, approva as idéas bolorentas que teme, sobretudo, pro-mette-me seguir á risca os meus conselhos.

ARTHUR. *Põe fóra o charuto.*

Oh!... prometo-lhe.

BARONEZA.

Beni. Ha oito dias disse-te no baile do Moreira que fizesses a côrte á Amelia o mais escandalosamente possivel, e logo espalhei, pedindo segredo ás minhas amigas, o que era o melhor meio de a divulgar, a noticia de estares de amores com ella. Convém comprometter um pouco as filhas desses ginjas: é o melhor meio de obter delles o consentimento. (*Arthur perfila-se e faz uma continencia d sua mã*).

ARTHUR.

Bravo, meu general! Com mil bombas!... não o suppunha tão forte.

BARONEZA.

E' a experiencia, filho. O diabo não sabe muito por ser diabo, mas por ser velho, dizia meu avô. Mas não é disso que se trata. Apromptate para começar o fogo, porém com moderação. Não faças como o caçador noviço que espanta a caça com tiros inuteis; sê atilado, astuto e prudente como um indio de Cooper... Elles ahi vêm. (*Erguendo-se.*) Ainda uma ultima cousa; mas esta é essencial: promettes-me abandonar esse namorico que tens com Isabel, bonita rapariga, é certo, mas pobre como Job?

ARTHUR.

Juro-lh'o: ao menos em quanto não empolgar o dote de Amelia... Depois veremos.

BARONEZA. *Dando-lhe uma leve pancada no rosto com o leque.*

Brejeirinho!...

Scena III.

OS MESMOS, VIEIRA, ANTUNES, MAGALHÃES, ROBERTO,
E DEPOIS AMELIA.

VIEIRA.

Sra. baroneza, V. Exa. por aqui! ... Sr. Arthur, como está?... (*Aper-tão-se as mãos.*) Chegarão ha muito?

BARONEZA.

Ha apenas alguns minutos.

VIEIRA.

E esses brutos nada me disseram !

BARONEZA.

Fui eu que o exigi. Não queria incommoda-los.

VIEIRA.

V. Exas. nunca nos incommodão. Já jantarão ?

BARONEZA.

Já, Sr. Vieira ; agradecida. Mas onde está a sua encantadora filha ?

VIEIRA.

Ei-la ; ahi vem. (*Entra Amelia.*)

BARONEZA.

Viva, viva, minha linda menina. Como está formosa e crescida!... E' uma maravilha. (*Beija a Amelia.*) Não esperava que viessemos vê-los tão longe da cidade ?

AMELIA.

Não, Exma., mas V. Exa. é tão boa, que adivinhou os nossos desejos.

BARONEZA.

Como é espirituosa ! (*A' Vieira.*) Quer queiramos, quer não, estamos ficando velhos, Sr. Vieira. (*A' Amelia.*) Hoje faz dezeseis annos, não é assim. meu anjinho ?

AMELIA.

E' verdade, Exma.

ARTHUR. *Comprimentando á Amelia.*

D. Amelia, aceite as minhas felicitações por tão feliz anniversario. Que os conte muitos é do nosso interesse, pois temos orgulho em dizer que a perola do norte é de Pernambuco.

AMELIA. *A Arthur.*

O Sr. é extremamente bom.

BARONEZA.

Minha mimosa, aqui lhe trago uma lembrança insignificante ; espero que a aceite como partindo de uma amiga sincera. (*Entrega-lhe um objecto.*)

AMELIA.

Pois não, minha senhora... Muito obrigada.

ARTHUR.

Sr. Vieira, dá licença que ofereça á Exma. sua filha este album de vistas de Paris ? (*Entregando o album.*) E' uma lembrança de turista.

ANTUNES. *Baixo a Vieira.*

O rapaz será capinha?... Não admira... se voltão da Europa mais tolos do que vão.

BARONEZA.

Arthur; não conheces o Dr. Roberto ?

ARTHUR.

Ainda não lhe fui apresentádo.

ROBERTO.

Essa cerimonia parecia-me inutil. (*A Arthur.*) Creio que ainda se ha de lembrar do tempo em que o vi empinando papagaios.

ARTHUR. *Vexado.*

Sim, é verdade... agora me recordo.

ANTUNES.

Sra. baroneza, V. Ex. perdeu um jantar delicioso !... Que muquecas !... que Perú !... que arroz de forno !... que magnifico Lisboa !... que excellente Porto !... O cozinheiro do meu velho amigo merece uma corôa.

ROBERTO.

Dê-lhe cousa que mais lhe convenha: alguns mil réis para a sua alforria.

ANTUNES.

Qual, doutor!... concorrer para sua liberdade seria querer infelicitá-lo. O negro nasceu para ser escravo, como o porco para ser comido.

ROBERTO.

De maneira que, quando um está no matadouro e o outro sob o azorrague de seu senhor, devem ficar contentíssimos; cumprem a sua missão. (*Ironico.*) O Sr. Antunes é um profundo philosopho!

ARTHUR.

Ah! o Sr. doutor é negrophylo!

VIEIRA.

Um pouco, para ter sómente o prazer de contrariar os outros. E o senhor?

ARTHUR.

Negrophylo!... Deos me livre de cahir nesse ridiculo.

BARONEZA.

Estes homens são incorrigíveis!... São capazes de travar uma questão sobre um assumpto que não vale a pena. Deixem-se disso, e unão-se a mim para pedirmos a D. Amelia que toque um pouco de piano. Sei que é uma grande professora, e eu desejaria muito ouvi-la. (*A Amelia.*) Accede ao meu pedido, meu anjinho?

AMELIA.

Pois não, minha senhora: tanto mais que se o não fizesse deixaria-hia com uma idéa erronea. Vou provar que a enganarão.

ARTHUR.

Ferdão, D. Amelia... Mas não a acreditamos: sua modestia não permite que seja bom juiz; e desde já aposto que não nos illudirão.

AMELIA.

Seria uma aposta perdida.

ARTHUR.

Tenho certeza do contrario.

AMELIA.

Em que a funda?

ARTHUR. *Dando a mão á Amelia para conduzi-la ao piano; á meia voz.*

Na belleza de seus olhos.

AMELIA. *Alto.*

Ainda que fossem bellos, bem sabe que não é com elles que se toca piano. (*Senta-se ao piano, e enquanto conversa com Arthur, que se colloca a seu lado, Vieira entretém-se com a baroneza, e Magalhães com Antunes. Roberto folhea um album. Depois de alyuns preludios, Amelia toca pedaços do Elixir de Amor.*)

ANTUNES. *Baixo a Magalhães. enquanto Amelia toca.*

O negocio está desfeito: não levas a rapariga.

MAGALHÃES. *Idem a Antunes.*

Por que?

ANTUNES. *Idem.*

Os dez contos que me prometteste é pouca cousa. A baroneza dar-me-ha mais, se eu a quizer ajudar; e com o filho o negocio é menos difficil de arranjar-se do que contigo.

MAGALHÃES. *Baixo, mas irado.*

Mas, homem, isto é...

ANTUNES. *Atalhando-o.*

Uma patifaria, já sei; porém reflecte que fui eu que descobri esta especulação. Procurei-te, por que sabia que querias enriquecer rapidamente, custasse o que custasse. Se aceitaste a minha proposta, mi outros fariam o mesmo. Arranjei, para dar-te a necessaria importancia,

que teu patrão te fizesse socio da sua casa com uma parte nos lucros, que apenas corresponde ao teu antigo ordenado: mas és socio e todos te crêm no caminho da fortuna. Emfim, aqui te introduzi; tenho-te elogiado constantemente, mettido á cara do velho, e deves estar convencido que se eu não te ajudar com os meus constantes esforços, nada arranjarás: dez contos é, portanto, muito pouco. Darás vinte.

MAGALHÃES.

Mas...

ANTUNES.

Sim, ou não?

MAGALHÃES.

Sim, [carrasco!

BARONEZA.

Calem-se, barbaros; com o seu zumbido não nos deixam ouvir. (*A' Vieira*). Esta menina, Sr. Vieira, foi um thesouro que Deos lhe deu; é pena ser mulher.

VIEIRA.

Por que?

BARONEZA.

Por que entre os nossos rapazes de Pernambuco, quasi todos tão mal amanhados, e nada conhecedores da sociedade elegante, bem poucos vejo dignos della.

VIEIRA.

Qual, minha senhora! Com o dote que tem não lhe será difficil encontrar um marido honrado e trabalhador, que augmente o que lhe hei de deixar.

BARONEZA. *A Vieira com amabilidade, fazendo-lhe signal para que se cale.*

Cio!... Que bonito!... Que gosto!... Que execução!...

ANTUNES.

Divino!

MAGALHÃES.

Bravo, bravo!...

AMELIA.

Conhece este pedaço, Sr. Magalhães ?

MAGALHÃES.

Sim, senhora....Isto é... não me lembro bem.

AMELIA.

Oh!... é tão conhecido !...

MAGALHÃES.

Sim, recordo-me agora: é de um peça em que ha uma rapariga vestida de branco, que no ultimo acto atira-se aos pés de um velho a quem chama de — padre — , o que penso ser por engano, pois pela mitra que o tal velho tem na cabeça deve ser, pelo menos, bispo; e a prova é que elle se zanga com isso... E o nome que me está escapando!... Tenho mesmo na ponta da lingua. (*Preoccupava-se, Amelia e Arthur sorriem-se.*)

ARTHUR.

E' linda esta musica; mas eu prefiro a escola allemã a escola italiana.

AMELIA.

Pois eu não. A allemã é mais sabia, a italiana mais poetica; a primeira é aprendida no estudo de gabinete, a segunda é inspirada pelos gorgeios dos passaros nas laranjeiras de Pouzilippe, pelo ciciar da aragem nas montanhas do Tibur, pelo gemido das vagas nas areias de Parthenope; uma, emfim, falla á cabeça, a outra ao coração.

MAGALHÃES. *Interrompendo,*

Ah!... já sei; o nome da peça é *Norma*.

Todos riem-se, menos Antunes e Vieira.

AMELIA. *Sorrindo.*

Adivinhou, Sr. Magalhães.

ARTHUR. *A' Amelia.*

Que bruto!... confundir a *Norma* com o *Elixir de Amor*!

ROBERTO.

Deixe-lhe examinar o cráneo, Sr. Magalhães ; deve ter muito desenvolvida a bossa da musica e a das bellas artes. (*Examinando-lhe o cráneo.*) Que cabeça! Só tem de saliente a bossa da cobiça.

MAGALHÃES. *Bruscamente.*

Ora!

AMELIA. *Erguendo-se, a Arthur que tem-lhe fallado baixo á meia voz.*

Não sei se é um cumprimento, ou um insulto o que acaba de dizer-me: em todo o caso, não me arrisco mais a ouvi-lo.

BARONEZA.

Então, que é isso?... Não continúa?!...

AMELIA.

Não, minha senhora ; dóe-me um dedo que feri com uma agulha.

BARONEZA. *A' Vieira.*

Como, Sr. Vieira?!... Pois consente que aquellas mãosinhas de rainha se firão na costura!

VIEIRA.

Ora... não ha de morref por isso.

BARONEZA.

Mas olhe que é uma impiedade.

VIEIRA.

Qual impiedade, minha senhora. Ella corta e cose os seus vestidos. Se sabe o francez, a musica, o desenho e outras ninharias, é porque lh'o quizeram ensinar no collegio ; com isso não me importei ; mas lavar e engommar fiz com que aprendesse. Uma dona de casa não é uma boneca de salão.

ANTUNES.

Apoiado!

MAGALHÃES.

Apoiadíssimo!

AMELIA. *A' Roberto, de parte.*

O tal senhor meu primo creio que se deleita com o trabalho de que meu pai o encarregou.

ROBERTO. *A' Amelia, á meia voz.*

O pobre rapaz não se demora de certo por seu gosto. Teu pai ordenou-lhe. sem respeito pela febre da digestão, que fosse escrever tres longas cartas que elle deve levar á cidade; e meia hora não é muito.

AMELIA. *A' meia voz.*

Para quem não espera?

ROBERTO. *Travando-lhe a mão.*

O que?

AMELIA. *Abaixando os olhos.*

Nada.

BARONEZA. *A' Amelia.*

Anjinho, deixe de conversar com este máo homem, a quem tanto estimo, não sei mesmo porque! Venha dar-me um abraço, que são horas de partirmos.

VIEIRA.

V. Exa. não se ha de ir sem ver primeiro a minha horta. Amelia invade todos os dias os meus canteiros de hortaliça com as suas flôres, como se uma rosa, por mais bella. pudesse valer um repolho rochunchudo. Apesar, porém disto, creio que não ha por aqui outra tão bonita.

BARONEZA.

Com muito gosto; porém de lá mesmo seguiremos. (*A' parte.*) Arthur fez de certo alguma asneira; preciso saber já o que foi.

VIEIRA.

Estes senhores nos acompanharão. (*Dá o braço á baroneza; Magalhães e Antunes correm a offerecer o seu braço á Amelia; esta, porém, toma o de Roberto.*)

AMELIA.

Perdão, meus senhores, é o direito do amigo mais velho.

VIEIRA. *A' Roberto.*

Ah! doutor, esquecia-me de lhe dizer que a ama de Amelia está doente; desejava que a fosse vêr.

ROBERTO.

Pois não!... Desculpe-me, Amelia. (*Larga-lhe o braço, Magalhães adianta-se, mas Arthur toma-lhe o passo. — Saem todos, menos Roberto.*)

Scena IV.

ROBERTO E HENRIQUE.

ROBERTO. *Indo a sair por uma das portas lateraes encontra-se com Henrique, que traz na mão um maço de cartas.*

Ah!... acabaste afinal com essa massante correspondencia.

HENRIQUE.

Creio que sim.

ROBERTO.

Como? Apenas crês?!

HENRIQUE.

Sim, meu amigo, pois não tenho consciencia do trabalho que fiz, minha mão escrevia, mas o meu espirito não a guiava: preso, captivado por uma visão celeste, embriagado por um sentimento doce e pungitivo ao mesmo tempo, elevava-se a essas mysteriosas alturas, em que se perde de vista a vida positiva. Debalde procurava entregar-me ao trabalho de que me tinha encarregado: meu corpo pôdia, por um esforço de vontade, permanecer alli; mas a minha alma revoltava-se, vencida-me, e perdia-se no espaço.

ROBERTO.

Tá, tá, tá!... Que serie de extravagancias estás me impingindo!...

Tudo isto é filho de uma digestão perturbada? Nunca te vi, perdoa que t'ó diga, tão tolo e tão enigmatico!

HENRIQUE.

Escute-me, doutor, e comprehender-me-ha. E' talvez a unica pessoa que por mim se interessa. Vou, pois, abrir-lhe o meu coração.

Amo a minha prima Amelia, com todo o ardor, que esta atmospherá abrasada que respiramos incute em nossos peitos; e essas horas que eu contava passar junto della, e que se escoarão em fastidioso trabalho, parecerão-me horas de martyrio; tanto mais que sei que a seu lado está um homem que a requesta.

ROBERTO.

Ah!... Amas a Amelia! E já lhe confiaste esse sentimento?

HENRIQUE.

Não. Bem doce me seria, prosternado a seus pés dizer-lhe:—Amo-te, e offerecer-lhe a minha vida inteira. Mas não ousó; receio que zombe de mim, que ria-se das minhas phrases... Votar-lhe minha alma, culto, adoração eterna, o que vale? Que importa á formosa rosa o mudo verme que lhe passa aos pés?

ROBERTO.

Então não tens esperanças?

HENRIQUE.

Não, meu amigo. Entretanto, ha momentos em que seus olhos parecem responder á linguagem muda dos meus, em que fallando-me, treme-lhe a voz, hesita e, como eu, balbucia. Mas bem sei que isto não passa da illusão do naufrago, que em cada fróco de escuma que avista no horisonte julga descobrir um navio, a salvação, a ventura. Tem-me talvez essa affeição sincera e pura que a criança consagra ao seu companheiro de infancia, porém, não me ama nem póde amar-me. E se quando seu pai me maltrata, seus olhos se humidecem, é o pranto da amizade que os banha, não são lagrimas de amor.

ROBERTO

Tens razão, meu filho; Amelia não póde amar-te; e esse sentimento

que por ella nutres só dôres e tormentos te hão de trazer : suffoca-o, pois ; recalca-o bem no intimo do teu coração ; foga-a, esquece-a.

HENRIQUE.

Bem o tenho tentado ; mas não posso. Oh ! Deos !... acaso, destino ou providencia, o que te fiz eu para que enraizasseis em minha alma essa planta damninha e corrosiva que se chama—um amor sem esperanza ?!...

ROBERTO.

Sê forte ; luta e vencerás !

HENRIQUE. *Desanimado.*

Não posso.

ROBERTO. *Com força.*

E' por que és um cobarde.

HENRIQUE. *Ferido.*

Doutor !

ROBERTO. *Com severidade.*

Sempre pensei que tua alma fosse de tempera mais rija !... Enganei-me. Segue o teu destino, roja-te aos pés de Amelia, e prepara-te para soffrer os seus desdens, pois é o que merece um homem fraco e sem brio.

HENRIQUE.

O que faria no meu caso ?

ROBERTO.

Partiria immediatamente, para só voltar aqui de todo curado.

HENRIQUE. *Travando-lhe da mão.*

Partirei !

ROBERTO.

Bem ; espera-me um pouco e partiremos juntos. Dá-me um abraço, Henrique, que és um homem de coragem. *(Sai.)*

HENRIQUE. *Sentando-se.*

Oh !... como custa esmagar o coração !! *(Deixa cair a cabeça sobre os braços, que cruza sobre a mesa.)*

Scena V.

HENRIQUE E AMELIA.

AMELIA. *Entra apressada trazendo na mão uma porção de flores, e, dando com Henrique, estaca.*

Ah!... (*Approxima-se pé ante pé de Henrique sobre cujo hombro descança de leve a mão; Henrique ergue-se espantado, e dando com ella, levanta-se travando-lhe da mão.*)

HENRIQUE.

Amelia! (*Tornando-se reservado e largando da mão.*)
Minha senhora.

AMELIA.

Jesus, meu Deus!... que diplomacia! Fiz-lhe algum mal?... Zangou-se porque vim interromper as suas cogitações? (*Ligeiramente amuada*): A culpa não é minha. A baroneza colheu estas flores, e eu vim arranjar-lhe um ramallete. Desculpe; não sabia que o encontraria aqui.

HENRIQUE.

Se soubesse não veria?

AMELIA.

Se soubesse que o incommodava, de certo não.

HENRIQUE.

Não me incommodas, Amelia.

AMELIA.

Mas então diga-me o que significa o comportamento que tem para comigo, ha tempos á esta parte?... Foge-me sempre; e quando é obrigado a ficar na minha presença, torna-se reservado e carrancudo?... Será por que o senhor já é um homem, e eu ainda sou uma criança estouvada?

HENRIQUE.

Pelo contrario.—A senhora é que se tornou de repente uma moça.

AMELIA.

Então é por isso? E eu, que fiquei tão contente quando usei pela primeira vez de vestido comprido!... Vou amanhã pôr-me de novo de calças... (*Com meiguice.*) Mas o primo ha de deixar esse ar carrancudo com que está... sim?... Não se envergonhará mais de pedir noticias de Henrique e de Amelia, aquelles dous lindos bonecos de que somos padrinhos, e que ha seis mezes casámos... Nem mais se lembra! Pois saiba que tenho tratado muito bem do seu afilhado durante todo o tempo que o senhor esteve na cidade. Dizia-lhe: « Teu padrinho está um homem sério e importante; já de ti não faz caso: pois bem, nem por isso ficarás abandonado. » Fiz-lhe duas sobrecasacas, calças, camisas bordadas... e até sou capaz de apostar que está mais bem vestido do que esse Sr. Arthur.

HENRIQUE.

Ah!

AMELIA.

O que tem, primo?... Está outra vez sombrio?

HENRIQUE.

Não é nada... Algum dia talvez te explique... Mas... continúa.

AMELIA.

Pois sim... Porém ha de prometter-me não tomar mais esse ar sério comigo. Olhe, quero fazer-lhe uma confissão: já chorei hoje duas vezes por sua causa.

HENRIQUE.

Como, Amelia?! Chorastes por minha causa?!

AMELIA.

Sim, Henrique; mas não sei bem explicar-te porque. O que é verdade é, que quando na mesa te fitava sorrindo, e o meu sorriso morria-me nos labios sem que lhe correspondesses; quando te fallava nessa linguagem infantil, que ainda ha pouco tão bem comprehendias,

e a que agora respondes com palavras tão respeitadas e frias, senti uma dôr profunda, e uma lagrima me subio aos olhos.

HENRIQUE. *Transportado, tomando-lhe a mão.*

Oh! meu anjo! (*Antunes espia da porta.*) Porque te calaste?

AMELIA. *Depois de ligeira pausa.*

Calei-me porque quando me apertaste a mão senti uma emoção... um abalo... Porque nunca me apertaste a mão assim?

HENRIQUE. *Sorrindo.*

Talvez t'o diga algum dia... Porém contaste-me porque choraste a primeira vez... A segunda, por que foi?

AMELIA.

Ah!... sim... Foi ainda ha pouco no jardim.

HENRIQUE.

E porque?

AMELIA.

Lembras-te, Henrique, quando ha tres annos viemos aqui passar o verão?

HENRIQUE.

Oh! se me lembro, Amelia!...

AMELIA.

Que bom tempo foi esse!... Eramos duas crianças; e, como duas andorinhas, corriamos em plena liberdade por essas terras, subindo montes, atravessando pradós... Recordas-te, Henrique, daquelle dia em que nos perdemos? Eu quiz por força voltar para casa antes da noite; para isso tinhamos de atravessar um rio caudaloso, passando por cima de um tronco escorregadiço: tomaste-me nos braços; e eu, com medo e ao mesmo tempo com confiança em ti, pendurei-me ao teu pescoço. Um passo teu menos seguro arrojava-nos á morte. Estavas pallido; e eu ouvia pulsar teu coração e o reverter das aguas no fundo do abysmo. Quando chegámos ao outro lado, tu, que sem tre-

pidar tinhas atravessado por cima da morté, cambaleaste, e um suor frio te banhou o rosto. « Medroso ! » disse-te — « Poderias ter morrido. » — Respondestê-me, apontando para o rio, que se desfazia em espuma sobre os penedos que lhe interrompião o curso. Ao chegarmos á casa, um cão furioso lançou-se sobre mim; atiraste-te a elle gritando-me que fugisse; e quando acudirão, estavas banhado em sangue. Nesse tempo nunca me deixavas, e todos os dias expunhas a tua vida para satisfazer um capricho meu. Em um dos nossos passeios divisei no cimo de uma enorme jaqueira uma parasita. « Que linda flor ! » — disse eu. Debalde te quiz reter. Enquanto tremula, assustada, te via pendurar a tua vida aos raminhos mais delgados do gigante que vergavão-se ao teu peso, tu me socegasvas sorrindo. Foi tal o meu susto, que quando me entregaste a flor, que com tanto perigo fôras buscar, eu estava de joelhos e rezava.

HENRIQUE.

Querida Amélia!

AMELIA.

Pois bem: ainda ha pouco, vendo uma parasita que estava apenas a alguns pés de altura, exclamei: « Alli está uma flor que preferiria a todas que tenho no jardim ! » Ninguem pareceu ouvir-me. O Sr. Arthur não se arriscaria a estragar as suas calças tão bem feitas, a magoar as suas mãos com tanto esmero cuidadas. Quanto aos Srs. Antunes e Magalhães, só delles fallo por memoria. Lembrei-me então que um perigo podia apparecer; que meu pai está velho; e procurando em torno de mim, não vi um defensor. Tu alli não estavas a meu lado como outr'ora... e tive de esconder uma segunda lagrima.

HENRIQUE.

Amélia!

JOÃO. *Entrando.*

Sinhá moça, sinhô está chamando; mandou dizer que sinhá baroneza está com pressa.

AMELIA.

Está bem; dize-lhe que já vou. (*Sahe João.*) E eu que já me tinha esquecido dessa baroneza, que tanto me aborrece com seus elogios

á queima roupa. Por isso mesmo ha de levar um ramo bem mal arranjado. (*Arranja o ramo.*)

HENRIQUE.

Não voltas?

AMELIA. *Sorrindo.*

Com uma condição.

HENRIQUE, *Idem.*

A que quizeres.

AMELIA.

Ha de me dizer quando eu voltar porque tem estado tão frio para comigo, e porque tornou agora ao seu antigo estado.

HENRIQUE.

Não adivinhaste?

AMELIA. *Sorrindo.*

Talvez. (*Sahe a correr.*)

Scena VI.

HENRIQUE E DEPOIS ROBERTO.

HENRIQUE.

Ah! meu Deos, perdoai ao louco que ousava queixar-se da sua sorte.

ROBERTO. *Entrando.*

Vamos, Henrique, partamos.

HENRIQUE. *Atirando-se-lhe nos braços.*

Ah! doutor, sou o mais feliz dos homens! A minha vida está completamente mudada. Já não parto.

ROBERTO.

O que significa isto?!

HENRIQUE.

Amélia daqui sahio, e creio que me ama.

ROBERTO *Contrariado.*

Já o sabia.

HENRIQUE

Então é um mão amigo, doutor!... torturava-me ha pouco por mero divertimento.

ROBERTO.

E's injusto, Henrique ; suspeitava que tua prima te amava, e conhecendo que desse mutuo amor só dores e desgraças para ambos podem porvir, procurei affastar-te della. Infelizmente, o destino não quiz que eu realizasse esse santo intento ; pois estou certo que agora, depois da confissão que te fez Amelia, impossivel se me torna consegui-lo.

HENRIQUE.

Mas, doutor, porque esses receios ? Porque vê no horizonte só nuvens negras ?

ROBERTO.

Escuta-me, e pesá bem o que vou dizer-te. — Conheces teu tio ; elle nunca perdoou a tua mãe o ter-se unido a teu pai, homem honrado, de talento, mas completamente baldo de fortuna ; não comprehende que se possa ser feliz sem ter-se grandes cofres recheados de ouro ; e, apesar de rico não dará sua filha, senão a um homem dinheiroso, ou que elle supponha capaz de augmentar a fortuna que lhe ha de deixar. O Sr. Vieira é um dos mais honestos, mas tambem dos mais aferrados membros da aristocracia do dinheiro, a mais estúpida e brutal de todas as aristocracias, e a mais intolerante. Nessa tua paixão não ha de acreditar ; julgará ser uma especulação para te enriqueceres á custa do dote de Amelia. Conheço-o bem, e estou certo que ha de collocar-se, barreira insuperavel, entre ti e ella.

HENRIQUE.

Mas ella ama-me ; e, suas lagrimas o abrandarão de certo.

ROBERTO.

Enganas-te ; dirá que as lagrimas das mulheres depressa seccão, e

que quando sua filha pedia-lhe chorando a lua e as estrellas. dava-lhe um boneco de papelão; e a menina calava-se. A mulher é uma criança grande. Amelia ha de chorar, a te péllar-se; mas seu pai seguirá o methodo com que outr'ora a consolava: dar-lhe-ha um marido por elle escolhido; e Amelia enxugará seu pranto.

HENRIQUE.

O doutor é um sceptico, e de mais a mais um máo amigo. Porque assim dilacerar-me o peito?... Porque duvidar do coração de Amelia?... Acaso incommoda-lhe a minha felicidade?

ROBERTO.

Não sou um sceptico, nem um máo amigo; e se á poesia dos teus verdes annos respondo com a linguagem fria e geometrica da razão pura, é porque tenho visto cousas ainda mais extraordinarias. Mas não pretendo dissuadir-te; seria agora loucura, já t'o disse. Porém, quero que ao menos entres na luta, acreditando possivel uma derrota; ser-te-ha menos dolorosa, e tomarás mais precauções para evita-la. A tua posição é muito melindrosa, muito difficil. Tens contra ti o Sr. Vieira, que, além de ser pai de Amelia, o que lhe dá sobre ella direitos incontestaveis, é teu tio; e de mais a mais, julga, bem como o mundo, ser teu bemfeitor. Recebeu-te em sua casa um dia em que caridosos vizinhos te arrancarão quasi nú do misero alvergue em que teu pai e tua mãe haviam fallecido. Deixou-te crescer como a um orphão desconhecido, em um canto de seu palacete. Tendo-lhe eu dito que precisavas de uma educação, poz-te em um collegio. Tornas-te-te um rapaz instruido, porque Deos em sua infinita bondade concede aos pobres e abandonados o amor do trabalho, e essa flamma, divina — a intelligencia —, que quasi sempre nega áquelles que são criados nas sedas e nos velludos da opulencia. Nunca tiveste delle uma palavra de amizade, a menor animação: entretanto, aos olhos do mundo e aos seus proprios, essas esmolos que te fez tão sem caridade, dão-lhe immenso direito sobre ti; arrostando-o, terás de lutar contra essa força irresistivel, e tantas vezes céga, que se chama — a opinião publica.

HENRIQUE.

Tem razão, doutor, mas.

ROBERTO.

Ainda não é tudo. Descobri que Magalhães é pretendente á mão de Amelia, e que o protege esse parasita Antunes, procurador retirado, useiro e viseiro em intrigas e velhacadas. O Sr. Arthur tem as mesmas ambições de Magalhães ; dirige-o á Exma. Sra. sua mãe ; e essa creatura alambicada e pedantesca, é a mais famosa abelha-mestra que tenho conhecido. Se, pois, esses dous pretendentes por si só pouco valem, guiados por essas duas experiencias, tornão-se temiveis.

AMELIA.

Que infamia !

ROBERTO.

Não é tanto assim ; querem o que tu queres.

HENRIQUE.

Oh ! não, doutor ; eu quero a posse de Amelia tão sómente, e elles querem a sua fortuna.

ROBERTO.

Concordo. Mas vejamos o que tens por ti. Em primeiro lugar — o amor que te consagra Amelia : é alguma cousa, mas não de muito valor em uma luta destas ; em segundo lugar — a minha protecção : porém não sou amestrado nestas cousas, e pouco posso influir.

HENRIQUE.

Doutor, não me desanime.

ROBERTO.

Estou na verdade embaraçado ; não sei o que possa dizer-te, e devo partir em breve para o Rio de Janeiro, como sabes. Entretanto, acompanha-me á cidade ; e em viagem fallaremos mais extensamente sobre isso. Vou mandar apromptar os cavallos. Sim ?

HENRIQUE.

Sim, doutor.

ROBERTO.

Não fiques triste : voltarás amanhã. *Sahe.*

Scena VII.

HENRIQUE E AMELIA.

AMELIA. *Entrando a correr.*

A baroneza e seu filho já se retirarão; papai foi mostrar aos Srs. Antunes e Magalhães o novo açude que mandou fazer: temos, pois, uma boa meia hora de liberdade. Creio que é tempo bastante para explicar-me, como me prometeu, porque me fugia e mostrava-se reservado comigo, nestes ultimos tempos.

HENRIQUE.

E' que.

AMELIA.

E' que. Porque hesita?

HENRIQUE.

Suppunha.

AMELIA.

Suppunha.

HENRIQUE.

Sim.. Suppunha que te ias casar.

AMELIA.

Com quem?!. Meu Deos!.

HENRIQUE.

Com algum desses rapazes que te seguem. com o Sr. Arthur, por exemplo. Disserão-me que no baile do Moreira dansas-te com elle mais de uma vez, e espalhou-se mesmo a noticia do teu futuro consorcio com elle.

AMELIA.

Que extravagancia! . . . lembrarem-se logo daquelle frasco de cheiro, engravatado e enluvado *á la dernière mode de Paris!*

HENRIQUE.

Sim, era uma loucura, mas.

AMELIA.

Mas dê-me uma explicação — Porque é que isto o tornava frio para comigo? Creio que não lhe agradando a minha escolha, deveria, em vez de fugir-me, chegar-se a mim e dizer-me: — « Prima, esse homem não é digno de ti; esquece-o. »

HENRIQUE.

Tens razão. Comtudo.

AMELIA.

O que?

HENRIQUE. *Com transporte.*

Amelia, perdoa-me; mas a verdade é que te amo com todo o ardor com toda a dedicação daquelles, que a um unico ente prezão no mundo. Não conheci mãe, não conheci pai, nem irmãos, e toda a affeição que por esses entes queridos espalhão os outros homens a ti só consagrei.

Eis a explicação do meu proceder, que tão absurdo te deve ter parecido. Oh! se amasses-me comprehenderias. Mas não me amas.

AMELIA. *Acanhada.*

Quem lh'o disse?

HENRIQUE. *Ajoelhando-se e travando da mão de Amelia.*

Será possível!. As minhas loucas esperanças ter-se-hão realizado! Oh! como é grande e nobre o teu coração! Serei, talvez desgraçado, mas, haja o que houver, não importa, juro-te por este momento de supremo gozo que a ti votarei minh'alma, minha vida inteira.

AMELIA.

Obrigada, Henrique; aceito o teu juramento. (*Apparecem de repente no fundo Vieira, Antunes e Magalhães.*) E juro-te....

VIEIRA.

Não jures, louca, o que não permittirei que cumpras! (*Toma Amelia pelo braço e separa-a bruscamente de Henrique, que se ergue confuso.*)

Scena VIII.

AMELIA, HENRIQUE, VIEIRA, ANTUNES, MAGALHÃES,
E DEPOIS ROBERTO.

AMELIA. *Occultando o rosto entre as mãos.*

Meu pai.

HENRIQUE.

Senhor!

VIEIRA. *A' Henrique.*

Ainda ousa dirigir-se a mim, quando me paga por este modo os beneficios que lhe fiz, recolhendo-o na indigencia, creando-o, dando-lhe uma educação?!...

HENRIQUE.

Senhor!... perdão.... mas as minhas intenções são as mais puras.

VIEIRA.

Entendo-o! Faz-me a honra, *(ironico)* o senhor que não tem onde cahir morto, de aceitar a mão de minha filha, e, sobretudo. a fortuna que lhe ha de pertencer, e que juntei com o suor do meu rosto!... *(Furioso.)* Sahe já desta casa, atrevido!... sahe!

AMELIA. *Supplicante.*

Meu pai!

VIEIRA. *Para Amelia.*

E tu, louca, é assim que recebeste a educação que te dei? Se não fossem os teus poucos annos, expulsar-te-ia desta casa com o infame que te seduzio.

HENRIQUE.

Sr. Vieira, insulte-me; eu posso perdoar-lhe, pois devo-lhe muito; mas respeite sua filha.

VIEIRA. *Furioso, avançando para Henrique.*

Ainda aqui está!... *(Chamando.)* Manoel!... João!... Francisco!...

atirem fóra este ingrato, que iusultou os cabellos brancos de seu bembfeitor.

ROBERTO. *Apparecendo.*

Sahe, Henrique; em nome de tua mãi, da irmã do Sr. Vieira, eu te ordeno que saias!

HENRIQUE.

Adeos, Amelia!... recorda-te. (*Sahe. Amelia de mãos postas. lança-se aos pés de seu pai, que a repelle. Ella cahê desmaiada: Roberto ampara-a.*)

VIEIRA. *A Roberto.*

Deixe esta indigna.

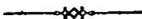
ROBERTO.

O Sr. Vieira póde mentir á sua missão: ser pai e esmagar-lhe a alma; eu não faltarei á minha: sou medico, salvar-lhe-hei o corpo.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO.

Sala ricamente mobiliada, em casa de Magalhães; portas lateraes e janellas no fundo.



Scena I.

BRAULIA E ALBERTO.

BRAULIA.

Póde entrar, estamos sós.

ALBERTO. *Entrando.*

Então, Braulia como vão os meus negocios ?

BRAULIA.

Muito bem.

ALBERTO

Ha um seculo que me dizes isto. Entretanto, estou sempre na mesina.

BRAULIA.

Um seculo !... Que exaggeração ! Ha apenas seis mezes que lhe escreveu a primeira carta.

ALBERTO.

Que tem sido seguida de mil outras, sem que eu ganhe uma pollegada de terreno. Estóu quasi desanimadó ! A minha musa secca-se, e com razão. Ha dias passando revista aos borrões das minhas cartas, reconheci que lhe tinha escripto as palavras :—amor 185 vezés ; pai-

xão 196; constancia eterna 120; ingrata, barbara, tyranna, umas 200 vezes. Quanto ás exclamações ah!... oh!... não têm conta. Ora, isto faz com que eu sinta já crispações nervosas quando pego na penna para escrever-lhe.

BRAULIA.

O senhor desanima com qualquer cousa!

ALBERTO.

Não; mas é que me está parecendo que por mim não te tens interessado bastante.

BRAULIA.

Que ingratidão!... Tenho feito impossiveis para servi-lo.

ALBERTO.

Então é que ella é insensivel e dura como um diamante; e eu, que não nasci para lapidario, deixo-a entregue aos *carinhos* do machacaz do marido.

BRAULIA.

Pois faz úma tolice; o negocio tem ido de vagar, mas o senhor não tem motivos para perder as esperanças.

ALBERTO.

Em que fundal-as? Tenho procedido, graças aos teus conselhos, confesso, com um tino e constancia admiraveis; e o resultado tem sido zero, mais zero, igual a zero.

BRAULIA.

Ora...

ALBERTO.

E' que estou na realidade cansado; tenho passado uma vida de negro. Dissêste-me que ella gostava de musica: immediatamente agarrei-me á uma flauta, e ahí vou eu, noite e dia, modulando os mais lindos pedaços; as mais ternas harmonias.—Orphêo... sabes quem era Orphêo?

BRAULIA.

Não.

ALBERTO.

Era um mestre de musica da antiguidade que se divertia em dar concertos aos animaes. Pois bem ; esse senhor, com uma má lyra de tres cordas entorneceu a Cerbero, um animal grosseiro, raivoso e mal-criado. Entretanto, eu, com os meus trinados, só tenho conseguido emagrecer como um varapão. Nem se quer tem ella tido a curiosidade de saber quem é o desgraçado que passa a vida a lhe dar concertos interminaveis. Disseste-me tambem que era romanesca ; e, eu e tu inventámos uma correspondencia terrivelmente mysteriosa. Escrevo-lhe as cartas as mais arrebatadoras e volcanicas, que lhe chegam ás mãos por uma especie de magica ; e com isso só alcanço esgotar o meu repertorio de phrases ardentes.

BRAULIA.

Assim é ; mas repito-lhe :—não esmoreça ; temos um auxiliar mais poderoso que a musica, que as cartas volcanicas, que o mysterio.

ALBERTO.

Qual é ?

BRAULIA.

E' meu senhor.

ALBERTO.

Como ?

BRAULIA.

Sabe o que ella fez das suas primeiras cartas ?

ALBERTO.

Rompeu-as sem abri-las, quando aliás não sabia de quem erão, quando as recebia, para ella, de um modo inconcebivel !... Ai de mim !... Deos para castigar-me creou de proposito esse portento : — uma mulher não curiosa, — e atirou-m'o á cabeça.

BRAULIA.

Pois bem. Ha dias, tendo ella sido muito maltratada por meu senhor,

sem o menor motivo, aproveitei-me da ocasião e fiz com que recebesse uma das suas ultimas cartas. Abrio-a e leu-a.

ALBERTO.

Victoria! E's o demonio mais ladino que tenho conhecido. (*Approxima-se de Braulia, tentando beija-la.*)

BRAULIA. *Empurrando-o.*

Fique quieto ; ouça-me, e depois me dirá se deve ou não abandonar a empreza.

ALBERTO.

Aqui estou sem tugar nem mugir.

BRAULIA.

Ella já não rompe as suas cartas ; pelo contrario, as relê, chora e fica pensativa. Ora, todos somos de carne e osso, por tanto, mais tarde ou mais cedo ha de cahir.

ALBERTO.

Oh ! meu demonio tutelar ! como te recompensarei então ?!...

BRAULIA.

Nada quero. Se o ajudo, o Sr. tambem me serve. — Estamos quites.

ALBERTO.

Como ?

BRAULIA.

Não posso explicar. Porém voltemos ao que importa. — Quer continuar, ou não ?

ALBERTO.

Agora mais do que nunca.

BRAULIA.

Trouxe a carta ?... e nella diz o que lhe aconselhei ?

ALBERTO.

Tim, tim, por tim, tim.

BRAULIA.

Então dê-m'a, e retire-se. E' tempo. O que houver de novo lhe mandarei dizer : mas esteja prompto para o que der e vier.

ALBERTO. *Dando-lhe uma carta.*

Espero as tuas ordens. (*Salte ; Braulia espia a ver se vêem alguém, e esconde a carta que lhe deu Alberto entre as folhas do livro que está sobre a mesa.*)

BRAULIA.

A partida é arriscada, mas pretendo ganha-la. (*Salte.*)

Scena II.

AMELIA. *Só. Entra com passos vagarosos, pallida e pensativa, e senta-se n'uma poltrona.*

Quatro annos já lá vão! Quatro annos!. Os melhores da vida de uma mulher. E como os tenho eu passado!. Como todas as minhas illusões se desvanecêrão!. Que triste despertar! Outr'ora a innocencia e a esperança, hoje a experiencia e o desengano! (*Abre o livro que está sobre a mesa e delle cahe a carta alli posta por Braulia. Apanha-a e reconhece a letra.*) Ah! E' o meu apaixonado mysterioso: um magico que adivinha todos os meus pensamentos e comparte todas as minhas dôres. (*Lê.*)

Scena III.

AMELIA, JOÃO E DEPOIS ROBERTO E AMELIA.

JOÃO. *Entrando.*

O Sr. Dr. Roberto quer fallar com minha senhora.

AMELIA. *Vivamente.*

Dize-lhe que não estou. (*A' meia voz.*) Tenho vergonha. (*João vai a sahir.*) Não; dize-lhe que entre. (*Acabando de lêr a carta.*) Obri-da, meu amigo.)*Guarda-a no seio.*)

ROBERTO. *Entrando, na porta, com reserva.*

D. Amelia.

AMELIA. *No mesmo tom.*

Sr. doutor.

ROBERTO. *Caminhando para Amelia com transporte.*

Minha filha!

AMELIA. *O mesmo.*

Meu amigo!

ROBERTO.

Já lá vão quatro annos que não nos encontramos.... Como estás mndada!

AMELIA.

Quatro annos não são quatro dias! Estou velha.

ROBERTO.

Velha! aos vinte annos!... nessa quadra gentil, perfumada de illu-
sões em que os annos se contão por primaveras! Loucura!... Mas
estás pallida, abatida!... Soffres?

AMELIA. *Sentando-se e offerecendo uma cadeira a Roberto.*

Não; nada tenho; ando apenas um pouco nervosa. O doutor sabe
que eu sempre fui sujeita a faniquitos.

ROBERTO. *Sentando-se.*

Porque me queres occultar os teus padecimentos? Sei que os tens.

AMELIA.

Quem lhe disse?

ROBERTO.

Ninguem; mas tenho olhos perspicazes. Não é esta a primeira vez

que te vejo. Logo ao chegar, procurei encontrar-te, ver-te, mas de longe.

Fui ao theatro: eras a mais bella, a mais adornada; mas reconheci que debaixo dos teus enfeites escondias um soffrimento acerbo.

AMELIA.

Seus olhos o enganarão, doutor.

ROBERTO.

Assim fosse! minha filha: mas infelizmente tenho provas do contrario. Encontrei-te dias depois na igreja onde vais ouvir missa. O santo sacrificio já tinha terminado, e só tu permanecias de joelhos, n'um canto escuro, murmurando uma fervorosa prece. Uma lagrima rolou dos teus olhos e cahio sobre o teu livro de oração. Não são as moças formosas, ricas e felizes que assim orão; são as martyres, Amelia!

AMELIA.

Doutor, todos lhe dirão que sou feliz.

ROBERTO.

Com effeito, todos m'o têm dito; mas dou a essas asserções o peso que merecem. Valem ellas acaso a lagrima que vi sulcar teu rosto? Não de certo. Sofres, porém como o menino spartano: escondes a fera que te rói as entranhas, e mostras semblante alegre negando a sua presença. Porém não me illudes. Se fôras ditosa, eu não te procuraria; mas és infeliz, e por isso aqui vim offerecer-te as consolações e os conselhos de um amigo velho, franco e leal.

AMELIA.

Comprehando-o, doutor, e lhe agradeço, porém. . .

ROBERTO.

Não tentes mais enganar-me.

AMELIA.

Doutor, não sei se devo.

ROBERTO.

Deves ; sou para ti quasi um pai. Bem sabes que não é uma curiosidade banal que venho satisfazer: conta-me, pois, o que se tem passado depois da minha partida.

AMELIA.

Pois bem, escute-me. Lembra-se do ultimo dia em que nos encontramos? Foi um dia terrivel! . Ainda que eu viva cem annos, não o esquecerei nunca. Meu pai estivera quasi a amaldiçoar-me, e Henrique fôra expulso de nossa casa. Não sei porque não morri então! quando voltei a mim, só o meu amigo, (*estendendo-lhe a mão*) e minha ama estavam á cabeceira do meu leito. Meu pai nem se quer por mim perguntára. Oito dias depois, eu ainda estava de cama. Um medico que eu não conhecia me tratára e me restituira algumas forças. Meu pai appareceu então; o seu rosto era severo. Chegou-se a mim e disse-me: « De hoje á 15 dias serás esposa de Magalhães. » De um salto atirei-me a seus pés: o pranto banhava-me o rosto, os meus cabellos varrião o pó do chão. Pedi-lhe, roguei-lhe por tudo quanto ha de santo que revogasse tão cruel sentença: frio, inabalavel, não deu ouvidos ás minhas preces. Soube depois que Henrique fôra recrutado a pedido de meu pai. A minha tristeza augmentou. Encerrada no meu quarto, só recebia ás visitas da baroneza de Periripe, que era a unica pessoa que meu pai consentia que a mim se chegasse. E' uma mulher instruida; e apezar dos seus elogios constantes á minha pessoa e a seu filho, que, segundo o que ella repetia a cada instante, devia ser o modelo dos maridos, sua conversação distrahia-me um pouco. A intimidade, porém, que entre nós se estabelecia, em razão dessa convivencia, contrariava, como mais tarde soube, os planos de Antunes e do Sr. Magalhães, que conseguirão interceptar uma carta da baroneza a seu filho, carta em que ella fallava de mim como de uma mina de ouro, que ambos devião explorar com o privilegio concedido pela benção nupcial. Essa carta, sendo apresentada a meu pai e a mim, a nossa porta, para sempre lhes foi vedada. Passarão-se semanas, depois mezes, e, apezar dos máos tratos, meu pai não conseguia obter o meu consentimento para o casamento que projectára. Um dia mandou-me os jornaes para que eu lesse um trecho que marcára: era a descripção da batalha de Monte-Caseros acompanhada de uma lista contendo os nomes dos nossos soldados e officiaes

mortos nesse combate. Bem o sabe, doutor, que o nome de Henrique lá se achava. Oh! soffri muito! . . . soffri muito! . . .

ROBERTO.

Pobre Amelia!

AMELIA.

Os dias escoavão-se para mim mais negros e mais tristes do que nunca, quando vierão dizer-me que meu pai estava á morte, e desejava ver-me pela última vez. Sabe como o amava. Louca de dôr, cahi de joelhos junto a seu leito; elle tomou-me uma das mãos, e, com a voz já meio embargada pela morte, e com uma doçura nos olhos como ha muito eu não lhe vira, pedio-me que desposasse Magalhães. Henrique morrêra!... E demais, como resistir aos pedidos de um pai em um momento desses?!... Voltei-me para o Sr. Magalhães, que allí se achava: « Não posso dar-lhe o coração, disse lhe; mas se assim mesmo quer a minha mão, aqui a tem. » A mão que me estendeu era fria como a pelle da serpente, e quando apertou a minha, um subito calafrio coou-me até á medula dos ossos: senti uma repugnancia invencivel, e retirei a mão que lhe offerecera.... Dahi a alguns minutos eu era orphã; mezes depois.... esposa de Magalhães!...

ROBERTO.

E eu ousei censurar o teu procedimento, suppondo-o filho da levianidade. Mas tu me perdoas, não é assim? (*Amelia estende-lhe a mão.*) Obrigado.... E o que se passou depois?

AMELIA.

Esperava, pois entre nós não podia haver amor: o passado, as nossas idéas, indole, educação e natureza repugnãvao-se muito para que tal acontecesse; esperava, digo, ter no Sr. Magalhães um amigo, um protector. Enganei-me; não ha grosserias nem máos tratos que não me tenha feito soffrer. Entretanto obriga-me a apparecer em publico coberta de rendas e joias, enfeitando-me como os sacrificadores antigos adornãvao as suas victimas. Conduz-me aos theatros, ás festas, e força-me a ter o sorriso nos labios quando tenho o inferno no coração. A gente leviana, que calcula a felicidade de uma mulher pelo valor das

joias que a cobrem, reputa-me feliz ! Insensatos, que não pensão que muitas vezes os maridos que assim adornão suas mulheres, curão só da propria vaidade, que é o seu amor proprio que enfeitão, pouco se importando com as martyres que pelo braço arrastão aos salões dourados !

ROBERTO.

Tens razão, Amelia, tens razão, e muito deves ter padecido !

AMELIA.

Oh !.. o que tenho soffrido é horrivel !... O Sr. Magalhães não será talvez um malvado ; mas as incompatibilidades dos nossos caracteres, dos nossos sentimentos ; a não existencia nessa união malfadada, já não digo de amor, mas de sympathia, explicão o que ha de atroz no seu procedimento ; tanto mais que lhe falta a educação que o poderia levar a esconder o sentimento de céga repulsão que me vota. Aborrece-me ; sou para elle um pesado fardo que deseja ver longe dos seus hombros. Ah ! tenho sido muito infeliz !... e o que sobretudo me dóe, é que devo culpar meu pai das minhas desgraças.

ROBERTO.

Que dizes, Amelia !... Lembra-te que elle só queria a tua felicidade. Acreditava que no casamento competia ao pai absolutamente a escolha do noivo, e que melhor marido era aquelle que mais podia augmentar a fortuna do casal. Errou ; mas boa era a sua intenção ! Teus soffrimentos são grandes, porém curva-te sob a mão de Deos e resigna-te !

AMELIA. *Assustada.*

Creio que meu marido ahi vem.

ROBERTO. *Erguendo-se.*

Eu me retiro. Adeos.

Scena IV.

OS MESMOS E MAGALHÃES. *De chapéo na cabeça.*

MAGALHÃES.

Oh ! lá !... Sr. doutor, ha muito não tinha a honra e o prazer de o ver !

ROBERTO. *Seccamente.*

Chego ha pouco do Rio de Janeiro : não admira, pois. (*A Amelia*).
Minha filha, até mais vêr. (*A Magalhães*). Sr. Magalhães, ás suas ordens.

AMELIA. *Apertando-lhe a mão.*

Adeos, doutor.

MAGALHÃES.

Esta casa está sempre ao seu dispôr ; dá-me muito prazer vindo tocar ao ferrolho.

ROBERTO. *Sahindo.*

Muito obrigado. (*Sahe.*)

Scena V.

AMELIA E MAGALHAES.

MAGALHÃES.

O que veio fazer aqui este sujeito?... Sabe que não gosto delle.

AMELIA.

Nunca m'o disse : e de mais, é um amigo de infancia ; veio visitar-me depois de quatro annos de ausencia, e pensei que não devia deixar de recebe-lo.

MAGALHÃES.

Aqui não ha pensar, nem meio pensar ; quero que se cumprão as minhas ordens. . . . Este homem não me ha de vír mais á casa.

AMELIA.

Mas então para que o convidou a voltar ?

MAGALHÃES.

Porque quiz ; não é de sua conta.

AMELIA.

E quando vier o que lhe direi !

MAGALHÃES.

O que quizer, com tanto que elle não ponha mais os pés aqui... Porém tome sentido; não lhe vá dizer que fui eu que o exigi. Tenho muito medo daquella linguinha!

AMELIA.

Senhor. isto é de mais!... Obrigar-me a repellir um amigo a quem estimo, e ainda em cima querer que eu tome a responsabilidade desse acto que me penalisa!

MAGALHÃES.

Quero e está dito. Quem governa aqui sou eu, ouvió?

AMELIA.

Bem, senhor; será feita a sua vontade.

MAGALHÃES.

Sei, minha cara, que isto lhe ha de custar. Não terá, como esperava, com quem conversar sobre o seu antigo amante.

AMELIA.

Bem sabe que nunca tive amante.

MAGALHÃES.

Namorado, ou cousa que o valha, E. tambem não juro.

AMELIA.

Senhor, o que lhe fiz eu?... Não tenho sido a sua escrava a mais humilde? Não me tenho vergado a todos os seus caprichos?... Melhor é matar-me de um só golpe do que assim ás alfinetadas.

MAGALHÃES.

Ah! ah!.. a menina zanga-se?!

AMELIA. *Irada.*

Senhor tome cuidado!... O cordeiro póde tornar-se leão.

MAGALHÃES.

Desejava ver isso, pois queria ter o prazer de arrancar os dentes e as unhas ao tal bichinho.—Realize a ameaça.

AMELIA.

Não ; não a realizarei. Esqueça-se do que lhe disse, e compadeça-se de uma desgraçada que não tem por si a ninguém no mundo.

MAGALHÃES.

Com mil diabos!... Logo vi que isto dava em choradeira!. E depois ha de vir um faniquito. Já estou pratico nisto; mas como estas massadase lamurias me aborrecem, ponho-me a andar. Porém fique entendida que, se eu encontrar aqui outra vez o tal doutor, quem me paga é você, ouviu? Quem me avisa meu amigo é. (*Sahe.*)

Scena VI.AMELIA. *Só, depois um criado.*

AMELIA.

Ah! meu pai, meu pai! em que mundo de dores lançaste a tua pobre filha! (*Ajoelhando-se.*) Dai-me, virgem santissima, as forças necessarias para que eu possa carregar sem tropeçar a pesada cruz que me alquebra a alma.

CRIADO.

Minha ama, um senhor que eu não conheço insiste para fallar com Vm.

AMELIA

Dize-lhe que estou incommodada, e que não posso recebê-lo.

CRIADO.

Já lh'o disse ; mas elle teima, assegurando que tem a tratar de um negocio gravissimo do qual depende a vida de um homem.

AMELIA.

Meu Deus!... o que será?!... Fa-lo entrar. (*O criado sahe.*)

Scena VII.

AMELIA E ALBERTO.

AMELIA.

Ah!... creio que é o Sr. Alberto.

ALBERTO.

Eu mesmo, minha senhora.

AMELIA.

Então, que negocio gravissimo é esse?

ALBERTO.

Minha senhora, o passo que dou vindo á casa de V. Ex., o motivo que a isso me obriga é, apesar de muito respeitavel, tão fóra das regras da sociedade, e o que tenho a dizer-lhe tão pouco de accordo com a pautada etiqueta das salas, que não ousarei fallar á V. Ex. se não prometter-me primeiro ouvir-me com toda a indulgencia.

AMELIA.

Mas o senhor fez-se annunciar dizendo que a vida de um homem estava em perigo: se assim é, e se de alguma cousa posso servir, porque não diz já o que de mim deseja? Nestas occasiões qualquer demora é prejudicial.

ALBERTO.

Minha senhora, o que lhe fiz dizer é a pura verdade: do resultado da nossa conversação depende a vida de um homem; mas o perigo que elle corre não é tão emminente como pensa.

AMELIA. *Seccamente.*

Pelo que vejo, foi um pretexto!

ALBERTO. *Offerecendo uma cadeira á*

Amelia.

Não, minha senhora, já o disse á V. Ex. Escute-me, e ha de comprehender-me. (*Sentão-se.*)

AMELIA.

Falle, senhor.

ALBERTO.

Minha irmã foi a amiga mais intima que V. Ex. teve no collegio... Recorda-se de minha irmã Julia?

AMELIA.

Sem duvida, e com muitas saudades.

ALBERTO.

Pois bem. Em nossa casa não a ouviamos fallar senão em V. Ex.; sempre com muitos elogios; e, sem o sentir, comecei a votar á amiga de minha irmã parte da amizade que esta á ella consagrava. Encontrei-me depois em algumas reuniões com V. Ex., e essa estima transformou-se em profunda admiração.

AMELIA. *Seccamente.*

Ah!

ALBERTO.

Soube, porém, que era infeliz...

AMELIA. *Erguendo-se.*

A que respeito, senhor?

ALBERTO. *Erguendo-se.*

A respeito de seu marido.

AMELIA

Senhor!

ALBERTO.

Perdôe... mas...

AMELIA.

Mudemos de assumpto. O senhor escolheu um máo introito.

ALBERTO.

Não, minha senhora ; não podia deixar de dizer-lhe isto, vindo, como venho, offerecer-lhe a minha amizade, as consolações de um amigo, já que não posso offertar-lhe o apoio que desejava.

AMELIA.

O senhor está louco. Sou casada, e meu marido é o unico protector que devo ter.

ALBERTO.

Um malvado que a tortura sem piedade !

AMELIA.

Senhor, não posso ouvi-lo por mais tempo.

ALBERTO.

Perdôe-me se a offendi, minha senhora ; perdôe ao insensato que já não sabe o que faz nem o que diz. Tendo seguido passo a passo a sua vida de mulher casada, tendo quinhoado de todos os seus pezares, e soffrido todas as suas dôres, mereço um pouco de compaixão. Perdôe-me.

AMELIA.

Esqueço o que disse, porque vejo que não está em si. Mas permitta que lhe faça uma pergunta ; ella torna-se necessaria. — E' o senhor quem me tem escripto uma serie de cartas mysteriosas ?

ALBERTO.

Eu mesmo, minha senhora : leu-as ?

AMELIA.

Apenas a primeira.... Não conhecia a letra. Mas peço que me ouça com attenção. Cesse com esse romance ridiculo, que não o póde conduzir á cousa alguma senão a comprometter uma mulher honrada. Volte as suas vistas para o outro lado : não faltão moças solteiras dignas doseu affecto.

ALBERTO.

Oh ! é impossivel !.... Amo-a tanto, que mais facil me seria morrer do que esquece-la. (*Vai a ajoelhar-se.*)

AMELIA. *Rindo-se.*

Erga-se, senhor, que isto vai-se tornando uma scena muito ridicula!... Erga-se!...

ALBERTO.

Contava com a sua indiferença, mas não com o seu escarneo. Vinha pedir um pouco de amizade em troco de muito amor. e em paga de tanta devoção só encontro fria zombaria!... Pouco importa; este coração tem soffrido muito, mas ainda pôde supportar torturas: rasgue-o com tenazes ardentes, calque-o aos pés: nem por isso se ha de rebelar. (*Amelia faz um movimento como para interrompe-lo.*) Sei que a estou impacientando. Mas, ouça-me ainda um momento. Ha um anno que alli defronte habito, reputando-me feliz quando posso entrever a sua sombra através das cortinas; alli continuarei a viver e a soffrer alli me encontraré sempre prompto a obedecer ao seu menor signal.

Adeos, minha senhora, Deos a proteja e lhe poupe as dores que me tem causado.

AMELIA.

Adeus, Sr. Alberto. (*Alberto vai a sair.*)

AMELIA. *Commovida.*

Sr. Alberto.

ALBERTO. *Voltando.*

Minha senhora.

AMELIA.

Perdoa-me algumas palavras talvez um pouco duras?

ALBERTO.

Oh!... perdoar-lhe! Perdoa acaso o christão quando Deus o fere com a sua colera?... Ajoelha-se e adora: assim faço eu.

AMELIA.

Desejava á minha amizade?

ALBERTO.

Ô mesmo fôra perguntar á planta resequida se deseja o orvalho do céo.

AMELIA.

Pois bem, seremos amigos. Dê-me a sua mão. (*Apertão-se as mãos.*)
Mas lembre-se que entre nós só amizade póde existir, e que ella não deve ser um manto sob o qual sé esconda uma traição.

ALBERTO.

Mas posso continuar a amal-a?

AMELIA.

Oh! não, não!

ALBERTO.

Então não devo acceitar esta amizade.

AMELIA.

Dou-lhe tudo quanto me é possível conceder-lhe.

ALBERTO.

Amelia!... como deixar de amar-te?

AMELIA.

Senhor, sou obrigada a retirar-me; não posso mais ouvil-o. (*Vai a retirar-se.*)

ALBERTO.

Bem, minha senhora; mortterei, mas não a posso odiar. (*Amelia sahe.*)

Scena VIII.

ALBERTO E BRAULIA; DEPOIS JOAO.

BRAULIA.

Tudo ouvi. Que mulher!... como resiste!... Parece que adivinha os laços que lhe armamos! Julguei a occasião favoravel para a sua declaração por isso o mandei chamar a toda pressa; enganei-me.

ALBERTO.

Ainda um lance perdido!

BRAULIA.

Talvez não de todo.

ALBERTO.

Julgas que ainda posso ter esperanças ?

BRAULIA.

De certo. Mas cumpre não fraquear. Vá para casa, que daqui a pouco lhe mandarei dizer o resultado que teve esta tentativa. No seu olhar e modo espero descobrir alguma cousa.

ALBERTO.

Bem; vou esperar noticias. Deus queira que m'as mandes boas.
(*Sahe*).

BRAULIA.

O combate está travado: uma de nós hade succumbir. Ha de ser ella.

JOÃO. *Entrando.*

Então, Braulia, não vai arranjar o quarto de senhá?

BRAULIA.

Deixe-me; não estou para o aturar.

JOÃO. *Espanando os trastes.*

Boa vida é a sua !

BRAULIA.

Porque, estúpido?

JOÃO.

Come, bebe, dorme, faz o que lhe parece.... Então isso é pouco?

BRAULIA.

Para você isso póde ser muito; para mim não.

JOÃO.

Então você o que quer mais?

BRAULIA.

Quero ser livre, quero ser senhora.

JOÃO.

Pois me parece uma tolice ! Eu antes queria ser escrava como você do que senhora como senhá.

BRAULIA.

E' porque você é um animal que não póde imaginar quanto soffro quando sou obrigada a obedecer-lhe.

João.

Oh ! homem ! Isto acontece tão poucas vezes !... E senhá e tão boa para todos !.. E para você então não se falla. Criarão-se juntas, ensinou-lhe a escrever, a ler, empresta-lhe os seus livros....

BRAULIA.

E dahi ?

João.

E dahi !... Deve gostar della.

BRAULIA.

Pois odeio-a.

João. *Admirado.*

Odeia-a !... E porque ? !...

BRAULIA.

Porque é minha senhora.

João.

Tambem é minha, e nem por isso...

BRAULIA.

Emfim, não estou para supportar os teus sermões. Hoje, por faz ou por nefas, hade haver aqui uma estrallada.

João.

Braulia, não se arrisque !... Veja que não póde ter vida melhor do

que esta. Senhá trata a você com muita amizade, e aos proprios filhos de você.... e ella bem sabe.

BRAULIA.

Faz o seu dever, porque esta casa é mais delles do que della.

JOÃO.

Não a desesperes ; olha que tem soffrido de ti o que uma santa não supportaria.

BRAULIA.

Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

JOÃO.

E senhô pôde se zangar....

BRAULIA.

Não é disso que me assusto....
Ouve-se tocar dentro uma campainha.

JOÃO.

Senhá está chamando, Braulia.

BRAULIA.

Pois eu não me mecho.

AMELIA. *Dentro, chamando.*

Braulia !.... Braulia !....

BRAULIA.

Grita, grita até arrebentar.

JOÃO.

Braulia, isto é uma maldade.

AMELIA. *Dentro.*

Braulia !

BRAULIA.

Arrebenta.

Scena IX.

OS MESMOS E AMELIA.

AMELIA.

Braulia, ha que tempo te estou chamando!

BRAULIA. *Arranjando os trastes, com
máo modo.*

Não ouvi.

AMELIA.

De tão perto!

BRAULIA. *Ainda com máo modo.*

Não prestei attenção.

AMELIA.

Pois bem, vai vêr teus filhos, que entrarão no meu quarto, quebrarão um horror de cousas, e um delles cahio e ferio-se na testa. Quiz por-lhe um pouco de arnica, mas tanto esperneou que não pude com elle. Vai vê-lo, coitadinho!

BRAULIA.

Agora não posso ; estou arranjando a sala.

AMELIA.

Já está arranjada.—Vai antes tratar de teu filho.

BRAULIA. *Empurrando bruscamente uma
cadeira.*

Tambem ninguem entende o serviço desta casa do inferno. Mal está a gente fazendo uma cousa, manda-se largar e fazer outra.

AMELIA.

Mas não vejo o que tens a fazer aqui. E entretanto, os teus filhos estão lá dentro a chorar.

BRAULIA.

Não hão de chorar á tôa : de certo, sinhá deu nelles.

AMELIA.

Bem sabes que nunca lhes puz um dedo ; chorão porque todas as crianças são choronas. Vai acalenta-los. Desejava descansar um pouco e não posso.

BRAULIA.

A sinhá anda de ponta com meus filhos, eu bem sei porque.

AMELIA. *Severa.*

Braulia, faze o que te digo ! Estás afinal abusando da minha paciencia,

BRAULIA.

O melhor é mandar castigar logo a mim e aos meus filhos. (*Inquietação de João.*)

AMELIA.

Insolente !... retira-te !

BRAULIA.

Não saío. Esta casa não é sua ; é de meu senhor, e só a elle eu obedeço.

AMELIA.

Atrevida ! João, agarra nesta mulher e leva-a daqui.

BRAULIA.

Elle, se fôr capaz que se chegue.

JOÃO. *Irresoluto.*

Minha senhora, eu....

AMELIA.

Tens razão. Vai chamar a teu senhor.

JOÃO. *Tendo dado alguns passos para a porta.*

Senhô ahi vem.

Scena X.

OS MESMOS E MAGALHÃES.

MAGALHÃES.

Então, o que ha de novo?

AMELIA.

E' esta escrava que me está insultando. Ordeno-lhe que se retire, e não quer; diz que só do senhor recebe ordens. Veja se a faz sahir da minha presença; nada mais exijo.

MAGALHÃES.

A' Braulia, com doçura,

Então, que é isto, Braulia!

BRAULIA. *Chorando.*

Não sei, não senhor. E' minha senhora que tem raiva de mim á tôa, e anda a todo instante buscando brigas comigo.

AMELIA. *A' Braulia.*

Ousas mentir assim!....

MAGALHÃES. *A' Amelia.*

Senhora, sei o que tudo isto significa: são os seus ciumes tolos que poem a minha casa em alarma. (*A' Braulia, que continha a chorar,*) Está bem Braulia, socega: ninguem te ha de fazer mal.

AMELIA.

Senhor, isto é uma indignidade!... Eu com ciumes!

MAGALHÃES.

Sim, senhora, repito, são os seus ciumes tolos a causa de tudo isto, assim como o máo genio que de seu pai herdou.

AMELIA.

Então da-lhe razão?

MAGALHÃES.

Dou-lh'a, porque a tem. E desde já prohibo a senhora de metter-se com a vida de Braulia: ella ha de viver aqui socegada.

BRAULIA. *Soluçando.*

Meu senhor, eu quero ir-me embora; me venda. Sinhá tem-me raiva, e quando o senhor não estiver em casa, eu é que hei de pagar.

AMELIA.

Insolente!

MAGALHÃES.

Basta, senhora; queira comedir os seus furores; Braulia, vai para dentro; não chores mais; eu te asseguro que ninguém... (*Accentuando as palavras.*) ninguém, ouves?... terá o atrevimento de intrometer-se contigo. (*Braulia sabe chorando,— João a acompanha.*)

Scena XI.

MAGALHÃES E AMELIA.

AMELIA.

Senhor, isto é uma infamia! Sabe perfeitamente que nenhuma mulher teria supportado a metade do que eu tenho soffrido.... Porém isto agora é de mais! Podia fechar os olhos ás suas fraquezas; mas não devo por mais tempo consentir que os meus brios e a minha dignidade de dona de casa sejam ultrajados.

MAGALHÃES.

Ha de acostumar-se.

AMELIA.

Engana-se, senhor. Apossou-se da minha mão e da minha fortuna, e em compensação tem-me horrivelmente maltratado. Mas reflecta que a taça está cheia e que mais uma só gotta a fará transbordar. Veja, já não choro!

MAGALHÃES.

Ousa ameaçar-me!

AMELIA.

Não o ameaço, previno-o.

Scena XII.

OS MESMOS E BRAULIA, COM UMA CRIANÇA AO COLLO.

BRAULIA. *Aos pés de Magalhães, banhada em pranto.*

Meu senhor, por Nosso Senhor Jesus Christo, venda-me, tire-me deste inferno. Veja como sinhá maltratou esta criança... como está cheia de sangue!.... E' de pancadas que lhe deu, meu senhor.

AMELIA.

Mentes! Esta criança cahio e ferio-se: todos o podem dizer. (*Caminhando para Braulia.*) E's uma ingrata, uma calumniadora!

BRAULIA. *Fingindo-se medrosa e agarrando-se a Magalhães.*

Meu senhor me acuda.

MAGALHÃES. *Segurando Amelia pelos pulsos.*

A Sra. é uma malvada! (*Torce-lhe os braços e atira-a sobre uma cadeira.*) Vamos, Braulia; deixa esta onça. (*Sahem.*)

Scena XIII.

AMELIA só, E DEPOIS ALBERTO.

AMELIA. *Erguendo-se.*

E' de mais! (*Corre á janella como para atirar-se; mas estaca de repente.*) Alberto!... Não me hei de matar... (*Acena com o lenço.*) Assim ao menos me vingarei. (*Sahe por uma das portas lateraes.*)

ALBERTO. *Entrando.*

Que novidade teremos?!

AMELIA. *Voltando de chales.*

Esse homem a quem o destino me ligou, rompeu o ultimo fio que a elle me prendia. — Alberto, és forte bastante para amparar uma mulher que a ti se entrega, rompendo de uma vez com a sociedade?

ALBERTO.

Oh!... sim, eu t'o juro!

AMELIA.

Então partamos.

ALBERTO.

Por onde?... Podemos ser encontrados.

AMELIA.

Que importa? Desejo sahir de cabeça erguida, á vista de todos: não é uma mulher que deixa seu marido: é uma victima que foge do algoz.—Partamos!

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO.

O theatro representa a sala de um *restaurant* proximo do theatro de S. Pedro.—Grande numero de mascarados convenientemente distribuidos.—Entre elles figurão Alfredo, Leopoldo, Rosinha e Joanninha.—O primeiro calça botas de montar que lhe vão acima do joelho, calças de meia; traz um chales amarrado á cinta, com compridas pontas, camisa de meia de riscado sem mangas, luvas de canhão, capacete romano com penacho formado por uma tripa coberta de fitas; nariz postiço.— O segundo de sapatos de baile, calça larga chegando até o joelho, traz uma couraça e um chapéo ornado de tres grinaldas de flores.—Joanninha e Rosinha acompanhão a Leopoldo e Alfredo, vestidas de *Pierrot e Titi*. Ao levantar-se o panno, ouve-se a orchestra tocar ao longe a ultima marca de uma quadrilha.



Scena I.

JOANNINHA, ROSINHA, ALFREDO e LEOPOLDO. SENTANDO-SE EM
TORNO DE UMA MESA.

LEOPOLDO.

Uff! já não tenho pernas.

JOANNINHA.

Estou morrendo de sêde.

ALFREDO.

Oh! Joanninha, és a mais encantadora rapariga do orbe christão e mulstmano!... E nunca Odalisca em frente de um sultão indolente e aborrecido fez passos mais correctos e graciosos do que tu, Terp-sichore....

JOANNINHA.

Obrigada. Porém manda vir alguma cousa de mais positivo.

ALFREDO. *Baixo, a Leopoldo.*

Tens ainda dinheiro?

LEOPOLDO. *O mesmo.*

Nem vintem.

ALFREDO.

Oh! Joanninha, o meu enthusiasmo não conhece limites,—e juro-te pela pansa veneravel do velho Sileno que te hei de fazer um dytirambo.

JOANNINHA.

Prefiro um copo de champagne.

ROSINHA.

E eu um de cerveja.

ALFREDO.

Champagne. Joanninha, só bebem os tolos, que querem ter espirito artificial. A cerveja, Rosinha, é uma bẽbida pesada; a mãi de todas as extravagancias massantes que nos vêm da Allemanha; por exemplo: da philosophia de Hegel, da chimica organica, *proh! pudor!* Joanninha!... *proh! pudor!* Rosinha!...

ROSINHA.

Meu caro, o cameleão vive de ar; mas nós não bebemos palavras.

ALFREDO.

Logo....

ROSINHA.

Logo, mandem vir alguma cousa.

LEOPOLDO.

A conclusão não está nas premissas, Joanninha: commettes um erro de logica.

ALFREDO. *Apontando para um dominó que passeia de braço com um homem de casaca.*

Olhem, alli vem Delphina pelo braço de seu banqueiro. (*Ao dominó.*)
Oh! Delphina, despede esse financeiro: ganharás menos e te divertirás
mais; um dia não são días.

LEOPOLDO. *Ao dominó.*

Se continuas a atura-lo, ficás insipida como um algarismo. As manhas
pegão; e o teu par é uma conta de multiplicar ambulante.

O HOMEM DE CASACA. *Sahindo arrebatado com
o dominó.*

Insolentes !... (*Risadas*).

ROSINHA.

Meus senhores, deixem-se de parola; temos sêde, entendem?

ALFREDO.

Sim, meus cordeirinhos, perfeitamente.
(*A um criado.*) Rapaz, traz agua e palitos:

JOANNINHA. *Zangada.*

Rosinha, estão zombando de nós.

ALFREDO.

De modo algum, nymphas vaporosas,... Mas reflitão que desde
que o mundo é mundo a agua é o melhor agente que ha para combater
a sêde. Além disto, esse composto de hydrogenio e oxigenio—H O—,
como diz o meu lente-de-chimica, é a bebida mais tonica, analeptica
e refrigerante....

ROSINHA.

Pois eu até tenho medo della. Meu pai e minha mãe morrerão
hydropicos.

ALFREDO. *Com fingida compunção.*

Tristissima recordação! que me faz vir as lagrimas aos olhos!..
(*Finge que enxuga uma lagrima.*)

JOANNINHA.

Meu caro, decidamente estás transformado em chafariz: só nos dás
agua.

ALFREDO. *Em tom compungido.*

A agua, melhor das bebidas; tonica analeptica!...

ROSINHA.

E reffrigerante, já sabemos. (*Levantando-se*) Decidão: pagão ou não pagão alguma cousa? Se não pagão, é dizerem, porque batemos á outra porta.

LEOPOLDO. *Segurando Rosinha pela mão.*

Tem compaixão! Bem quizeramos fazer-vos nadar, ó entes ultra-poeticos! em um mar de champagne, mas....

JOANNINHA.

Mas... o que?

ALFREDO. *Erguendo-se e tirando o capote.*

A firma social — Alfredo, Leopoldo & C., cujos socios commanditarios plantão café a vinte leguas da côrte, e negão-se a fazer novas entradas, já reduzio todos os seus fundos á uma infinidade de bolinhos e copinhos de toda a especie, que, com uma ingenuidade só comparavel á destreza, tendes absorvido durante á noite.

ROSINHA.

E agora?

ALFREDO.

Agora... *Horresco referens!*... Horrivel de se dizer!... agora, meu anjo: falta-nos completamente uma cousa mesquinha, miseravel, sem valor aos olhos das grandes almas, dos poetas e dos philosophos: —O ouro e a prata!..., esses metaes fugirão das nossas algibeiras sem deixar vestigios!

JOANNINHA. *Querendo retirar-se.*

Pois, meus senhores, até mais vêr.

LEOPOLDO.

O' almas puras e caridosas, não abandoneis assim, no meio deste turbilhão, dous pobres orphãos innocentes. (*Segurando a mão de Rosinha.*)

ROSINHA.

Não somos irmãs da caridade.

ALFREDO. *A' Joanninha, tomando-lhe a mão.*

Espera, ingenua, menina; ouve-me pela ultima vez. Cuársamos o terceiro anno de medicina; em breve estaremos formados, e com uma grande clinica; e juro-te, pela primeira bebedeira que tomou nosso avô Noé, que te darei dez pipas de campagne.

JOANNINHA.

Prefiro uma garrafa agora. Adeos.

ALFREDO.

Não te vás, mulher sem coração.... (*Olhando para o fundo do theatro, descobre Frederico.*) Oh!... uma vela no horizonte!... Estamos salvos!... (*Atira-se aos braços de Frederico, que entra.*) Deixa-me abraçar-te, ó grande Frederico, pois agora me pareces maior do que o teu xará da Prussia!

FREDERICO.

O que significa isto?

ALFREDO.

Conheces o quadro de Gericault. — *O naufragio da Meduza?*

FREDERICO.

Não.

ALFREDO.

Nem eu; mas é o mesmo. Imagina o que devia ser esse naufragio: e, menos a jangada, o mar, os tubarões, o perigo, os trapos, a fome, a pallidez e os assassinatos, tens ante teus olhos um painel tão doloroso como aquelle.

FREDERICO.

Não te entendo.

ALFREDO.

Pois nada ha mais claro. Não vês Rosinha e Joanninha como estão tristes?

FREDERICO.

E dahi?

ALFREDO.

Têm sede as pobres innocentes.

FREDERICO.

Pois que bebão.

ALFREDO.

A reflexão é justa, ó grande Frederico!... Mas ellas pretendem que a agua é contraria ás suas naturezas ; e eu não tenho real.

FREDERICO.

Rapaz, serve a estas senhoras do que quizerem.

TODOS.

Bravo, Frederico!...

UM PIERROT. *Chegando-se.*

Eu também sou da festa. (*Sentão-se todos em torno de uma mesa, excepto Frederico, que toma lugar em distancia do grupo e fica pensativo.*) Rapaz, champagne, clicocq. Sei que não ha na casa, mas pouco importa: faça de conta, e assim ajudo a enganarem-me.

ROSINHA.

E' máo gosto a gente illudir-se a si proprio.

ALFREDO.

Sei que préferes enganar os outros.

JOANNINHA.

Porque não imita o seu amigo o Sr. Frederico? Seja delicado como elle...

ALFREDO. *Rindo-se.*

Ah! ah! ah!... Frederico, ouviste o cumprimento que te fez Joanninha?... Sentiste o olhar de fogo que te lançou?

FREDERICO.

Não.

ALFREDO.

Pois perdeste um bonito lance. Ah! ah! ah!... só esta me faria rir.

JOANNINHA.

De que se ri?!?

ALFREDO.

De ti, nympha adorada.

JOANNINHA.

Porque?

ALFREDO.

Porque perdes os teus cumprimentos. Frederico já dissecou a mais de uma companheira tua e reconheceu que os vossos corações são.... (Ao pierrot.) O que Fernandes?

PIERROT.

Ora... um musculo ácco.

ALFREDO.

Pateta!... isso está em todos os livros de anatomia. O que, Leopoldo?

LEOPOLDO.

Uma moeda de cobre falsificada.

ALFREDO.

Não atinarão. O coração destas senhoras é uma siringa de borracha com dous bicos: quando por um entra—ouro, por outro esgulcha—amor, e sempre na razão directã da massa que entra.

Scena II.

OS MESMOS E REVOLTA.

REVOLTA. *Siguida de Magalhães, mas sem lhe dar o braço. Aparece trajando um saiote preto lustrado de encarnado; bonet phrygio, meia couraça e com o rosto coberto por uma meia mascara: traz á cinta duas pistolas. Chegando sem ser vista, bate no hombro de Alfredo.*

Enganas-te, Alfredo: é muitas vezes a capa de um livro cujas, folhas um homem rompeu sem ter lido.

TODOS.

Revolta! Revolta vai a sahir; Frederico levanta-se e quer tomar-lhe a mão; ella, porém, foge com a sua, e sahe sem prestar-lhe attenção, seguida sempre por Magalhães.

FREDERICO. *Voltando-se triste, á meia voz.*

Cruel!

Scena III.

OS MESMOS, MENOS REVOLTA.

ALFREDO.

Como te ia dizendo, Joanninha, Frederico não é um innocente cafezista; e sabe que os teus olhares ardentes, que as tuas phrases lisongeiras não são dirigidas a elle, e sim a umas medalhas que possui: não é porque sejas apaixonada de numismatica, Deos me livre de azer-te essa injustiça; não é porque fossem achadas em uma excavação de Pompéa, nem por serem um primor d'arte....

JOANNINHA.

Ora... acabe com isto.... Porque é?

ALFREDO.

Porque são de ouro.

TODOS.

Apoiado.

JOANNINHA.

Eu logo vi que ia dizer uma sandice misturada com atrivimento. Palavra de honra!... estás ficando tolo.

LEOPOLDO. *Gritando.*

Venha o champagne. Ha mais de uma hora que o esperamos!

TODOS. *Menos Frederico.*

Venha o champagne!... venha o champagne!...

JOANNINHA.

Silencio, grulhas !... Peço a palavra para responder a Alfredo.

ALFREDO.

Ordem !... ordem !

JOANNINHA.

Alfredo acaba de dizer claramente que o Sr. Frederico nos despresa, porque conhece o pouco que valemos. Pois sustento que este senhor ama a alguém que vale tanto como nós. (*A Frederico.*) Peço que diga se é, ou não, verdade o que avanço.

FREDERICO. *Erguendo-se, á Joanninha.*

Permitte que eu falle com com franqueza ?

JOANNINHA.

E' o que lhe peço.

FREDERICO. *A' Joanninha e á Rosinha.*

Desculpar-me-hão se nas minhas palavras houver alguma cousa que as possa offendêr ?

JOANNINHA.

Desculpamos.

ALFREDO. *A Frederico.*

Pagas o champagne, e pedes desculpa! Estás te enferrujando, meu caro !

FREDERICO.

Pois bem, é falso: eu não amo á uma mulher como vós outras, minhas filhas.

JOANNINHA.

Como ? !... Não amas a Revolta ?!

FREDERICO.

Amo-a, é verdade, e como nunca amei !

TODOS.

Oh ! oh ! !...

FREDERICO.

Escutem-me. Revolta não é uma mulher vulgar; entre ella e vós, ha uma distancia immensa! Será Satanaz; mas Satanaz é um anjo decahido, e foi o primeiro dos anjos. Em sua alma ha alguma cousa que ainda vive... odio... ou amor... quem sabe! nas vossas só ha cinzas. Ella cahio no fundo do abysmo, mas cahio das alturas as mais elevadas; e só uma mão de ferro a pôde impellir. Eis porque affirmei que não amava uma mulher como tu, Joanninha, como tu, Rosinha, como as vossas loucas companheiras.—Desculpai-me.

ALFREDO.

Não tem de que. Entre Revolta e estas meninas, prendas da minha alma, ha a mesma distancia que do sol á terra:—38 milhões de leguas: ellas o reconhecem. (*O criado traz garrafas de champagne.*) Felizmente, aqui está o champagne. Abre isto, rapaz, de modo que estoure. (*O criado serve de champagne a todos*). Bebo á saude de Revolta, declarando ao mesmo tempo que aprecio mais á Joanninha, á Rosinha e *comitante caterva*. Como Geoffroy de Saint-Hilaire, entreguei-me ao estudo dos monstros, com especialidade dos acardiacos, isto é, meninas, dos que não têm coração.

FREDERICO. *De pé.*

Viva Revolta!

TODOS.

Viva!... viva!

Scena IV.

OS MESMOS E REVOLTA.

REVOLTA. *Entrando.*

Obrigada, meu povo, mil vezes obrigada. Em signal da minha gratidão, convido a todos para se acharem aqui á meia noite.—Pago a cêa.

LEOPOLDO.

Fallas melhor do que Cícero!... Em nome de todos—accito,

TODOS.

Apoiado !... apoiado !

ALFREDO.

Agora, ao baile ! Quero mostrar-lhes um passo da minha invenção que estudei durante quinze dias, faltando para isso a duas sabbatinas. Chama-se — *O diabo apaixonado*. — Ao baile !

TODOS. *Menos Revolta e Frederico.*Ao baile ! (*Sahem.*)**Scena V**

REVOLTA, MAGALHÃES E FREDERICO, QUE SE CONSERVA SENTADO Á UMA MESA.

MAGALHÃES. *Entrando, á Revolta.*

Com os diabos ! Afinal encontrei-a ! Já pensava que lhe tinha perdido a pista. Estou morto por conhecer o seu nome, pois a sua conversação por escripto me tem excitado a curiosidade... (*Revolta escreve rapidamente algumas palavras em uma das folhas de sua carteira*) tanto mais que seria uma tolice ter-me escripto para que eu viesse a este baile se me não quizesse mostrar o focinho... Mas porque diabo não falla?!... A senhora será muda?! (*Recebendo o papel que lhe dá Revolta*). Vejamos. (*Lê*). « A' meia noite venha á esta sala ; ceando comigo e alguns amigos, saberá quem sou. Aceita ? » (*A Revolta*). Boa duvida !... Não faltarei. Mas creio que... (*Revolta faz-lhe signal que se retire*). Que mulher exquisitá ! Mas não ha remedio senão estar pelo que ella quer. (*Sahe.*)

Scena VI.

REVOLTA E FREDERICO E DEPOIS LEOPOLDO.

REVOLTA. *Tirando a mascara.*Que asco me causa a presença deste homem ! (*Frederico appro-*

xima-se de Revolta, sem que ella o presinta. e toca-lhe de leve no hombro.) Ah!...

FREDERICO.

Em que pensas, Revolta? Em teus amantes de hontem, nos de hoje, ou nos d'amanhã?

REVOLTA.

Bem sabes que não me preocupo com essa tribu de levitas que queima incenso ante o meu altar.

FREDERICO.

Então, é verdade que a ninguém amas?

REVOLTA.

A ninguém.

FREDERICO.

E aos teus adoradores?

REVOLTA.

Aturo-os com paciência nos dias de bom humor.

FREDERICO.

E nos outros?

REVOLTA.

Desprezo-òs.

FREDERICO.

Porque?

REVOLTA.

Porque dou a Cesar o que é de Cesar.

FREDERICO.

Mas é pagar mal o amor que te consagrão.

REVOLTA. *Erguendo-se, com exaltação.*

Amor!... Não profanes essa palavra, Frederico. Acaso sabem os homens o que ella significa? (*Com rancor.*) Os homens!... os homens!...

raça miseravel e corrupta, argilla immunda amassada com fêl e egoismo !...

FREDERICO.

Revolta !

REVOLTA. *Com exaltação.*

Não protestes, Frederico, que eu te farei calar, apontando-te para a sorte de quasi todas estas virgens castas e puras que a vontade paterna, o amor ou as necessidades sociaes têm obrigado a confundir o perfume de sua alma com o lodo do coração dos homens. Sabes como procedem esses entes vis e pequeninos que, sem trepidar ante a immensa responsabilidade que sobre si assumem, recebem de um pai ou de uma mãe, em frente do altar de Deos, um anjo ainda trasbordando de harmonias celestes? Dia por dia, hora por hora, o miseravel desfolha uma após outra, todas as illusões, todas as esperanças dessa alma nova que tão cegamente lhe fôra confiada. A desgraçada geme, luta, supplica; o ignobil architecto de ruinas não pára !... E ai ! della se Deos em sua infinita misericordia não lhe tiver concedido a maternidade que a salva: só lhe resta tornar-se um manequim passivo, ou uma mulher perdida. O barbaro faz do annel de noivado o primeiro élo de uma cadêa que a prende á desgraça; e se em um dia de desespero ella se revolta e a faz pedaços, a sociedade a despreza e insulta ! Abrem-se ante nossos passos apenas duas sendas: a primeira, innundada de lagrimas, é representada pela submissão do cão que lambe a mão que o castiga, e leva a mulher á insensibilidade do cadaver, que não córa quando o esbofeteião; a segunda, ornada de sorrisos, de falsa e tresloucada alegria, mas calçada de espinhos, é a da prostituição. Tenho, ou não, razão, Frederico ?

FREDERICO.

Não; enganas-te. Desgraçadamente, ha factos que justificação o que acabas de dizer; mas elles constituem uma minoria insignificante. Vês os homens através de um prisma que torturas e decepções pozerão naturalmente ante teus olhos. Foste victima....

REVOLTA.

Quem t'o disse ?

FREDERICO.

Acabas de m'o dar a enterder.

REVOLTA. *Deixando o tom exaltado sentando-se e rindo-se.*

Ah! ah! ah! Dêste peso ás extravagancias que disse?! Tudo isto nada significa. Vontade de fazer um discurso, eis ahí tudo. Não faças caso, meu pobre Frederico. Tenho ás vezes desses accessos de eloquencia sentimental: desculpa-me a massada; da-me um charuto e voltemos á uma conversação propria de nós ambos e do lugar. — O que me querias dizer?

FREDERICO.

Que te amo.

REVOLTA. *Rindo-se.*

Ah! ah! ah!... que tolice!

FREDERICO.

Magôas-me, Revolta!

REVOLTA.

Desculpa. Mas quem te obriga, cégo de nasceença, a fallar em côres?!...

FREDERICO.

Ri-te, mas ouve-me. Amo-te a ponto de esquecer por ti a razão e a propria honra. Não é de certo um desses sentimentos que sabem inspirar as meninas innocentes em cujos olhos se reflecte o céo; não é o amor que se traduz por um vago scismar, por uma doce melancolia, por suspiros soltos á brisa, e que se contenta com um aperto de mão ás furtadellas. Não: o que eu sinto em nada se assemelha a isso; é a paixão com todos os ardores, com toda a chamma do inferno, e que só se satisfaz com a posse completa e absoluta; é o amor que se traduz por imprecações de desespero, e que torna um homem forte, digno e honrado, um cobarde, um infame.

REVOLTA. *Neghigentemente.*

E's rico?

FREDERICO.

Bastante para durante dous annos satisfazer todos os teus caprichos.

REVOLTA.

E depois desses dous annos, o que te restará?

FREDERICO.

Algun dinheiro; quanto baste para comprar uma carga de polvora e um pedaço de chumbo: o suicidio!

REVOLTA.

Ah!

FREDERICO.

Aceitas o meu amor, Revolta?

REVOLTA. *Com negligencia.*

Aceito.

FREDERICO. *Com transporte, beijando-lhe a mão, que ella abandona friamente.*

Mil graças!... mil graças!... Ao sahir do baile, virás comigo?

REVOLTA. *Friamente.*

Sim.

FREDERICO.

Ainda uma vez, obrigado. Vou, pois, escrever á minha mãe, para que não espere por mim. Não me verá tão cedo... Pobre velha! (*Escreve na carteira.*)

REVOLTA.

Ainda tens mãe?

FREDERICO. *Escrevendo.*

Ainda.

REVOLTA.

Ama-te ella?

FREDERICO.

Muito.

REVOLTA.

Isto seria de mais! (*Alto*) Frederico.

FREDERICO.

O que queres?

REVOLTA.

Dá-me este bilhete.

FREDERICO.

Para que ?

REVOLTA.

Dá-m'o.

FREDERICO.

Toma-o. *(Dá-lhe o bilhete, que ella faz em pedaços.)* O que fazes ?

REVOLTA.

Sálvo-te.

FREDERICO.

Não te entendo.

REVOLTA.

Rejeito o teu amor : tudo entre nós está acabado.

FREDERICO.

Mas...

REVOLTA. *Com exaltação.*

Não é por ti, que vales tão pouco como os outros ; é por tua mãe, pela pobre velha, que choraria sobre a tua deshonra e morreria sobre o teu cadaver.

FREDERICO. *Indo a ajoelhar-se.*

Tem compaixão !

REVOLTA. *Repellindo-o.*

Nunca !

FREDERICO.

Ah ! mulher sem coração, sejas maldicta !... *(Sae.)*

REVOLTA.

Tua mãe, se soubesse, me abençoaria.

LEOPOLDO. *A' Revolta, que vai a sahir.*

Então retiras-te ? !... E a nossa cêa ?

ACTO TERCEIRO.

71

REVOLTA.

Ainda não é meia noite.

LEOPOLDO.

Pouco falta.

REVOLTA.

Já volto. (*Sahe por uma das portas do fundo, em quanto por uma outra entrão Joanninha, Rosinha, Alfredo, Fernando,— um mascarado e Magalhães.—Os criados do restaurant arranvão uma mesa para a cêa.*)

Scena VII.

LEOPOLDO, JOANNINHA, ALFREDO. ROSINHA, FERNANDO, MAGALHÃES E UM MASCARADO.

ALFREDO.

Faltão cinco minutos para meia noite. Somos pontuaes como um negociante que esconde uma quebra emminente!... Mas onde está Revolta ?

LEOPOLDO.

Não tarda; e a mesa já se está alli arrançando.

ALFREDO.

Boa nova !

MAGALHÃES. *A Alfredo.*

O senhor faz-me um favor ?

ALFREDO.

O que quer, meu caro ?

MAGALHÃES.

Fui convidado pela Sra. Revolta para cear.

ALFREDO.

E nós tambem, Adiante.

MAGALHÃES.

Mas... desculpe a indiscrição. Sou recém-chegado á côrte, não conheço essa senhora, e desejava sobre tudo saber—quem paga?

ALFREDO.

Boa duvida!... é ella.

MAGALHÃES.

Então é alguma viuva rica?

ALFREDO.

Não ; é cousa melhor : tosqueia carneiros, profissão das mais rendosas ; e como V. S. tem todos os traços de pertencer á interessante familia dos ruminantes, genero *ovis aries de Linneo*, aconselho-o que tome cuidado com o pello. Que horas são ? (*Magalhães mostra-lhe o relógio*). Meus senhores, a hora fatídica, terrível, assustadora, em que os espectros no cemiterio dansão ao clarão da lua uma valsa endemoninhada, não tarda a sôar, e Revolta não apparece : prometto, pois, uma gratificação a quem a descobrir.

ROSINHA. *Baixo á Joanninha.*

E' para se fazer desejada.

JOANNINHA. *A' Rosinha.*

Não devíamos ter aceitado o convite.

ROSINHA.

Porque ?

JOANNINHA.

Porque quando Revolta está presente, os homens só della fazem caso. Fortes estupidos !

ROSINHA.

E' porque os depenna melhor do que nós.

ALFREDO.

Meia noite ! Oh ! Revolta da minha alma, onde estás ?

REVOLTA. *De braço com Roberto.*

Presente.

Scena VIII.

OS MESMOS, REVOLTA MASCARADA E ROBERTO.

TODOS.

Bravo!... viva!

REVOLTA. *Procurando Magalhães com os olhos.*

Creio que estão todos aqui.

ALFREDO.

Creio que sim.

REVOLTA.

Então, á mesa!

TODOS. *Menos Roberto e Revolta.*A' mesa! *(Correm a tomar lugares á mesa.)*REVOLTA. *De parte a Roberto.*

Sr. doutor, escrevi-lhe para que aqui viesse, dizendo-lhe que uma mulher desgraçada préeisava fallar-lhe. Veio, agora demore-se mais um pouco até que chegue o momento em que lhe devo pedir um immenso favor.

ROBERTO.

Porém....

REVOLTA.

Comprehendo-o, e acho muito justos os seus escrúpulos: esta não é a companhia que convém aos homens do seu character. Mas não tome parte na cêa; sente-se áquella mesa, distante de nós. Bem sei que deve partir amanhã para Pernambuco, e se eu perder esta occasião de fallar-lhe, não terei outra. Por compaixão, demore-se.

ROBERTO.

Obedeço. *(Com curiosidade, olhando para Revolta de alto a baixo.)* Que suspeitas, meu Deos!... Será possível. *(Affasta-se e assenta-se, enquanto Revolta toma assento á cabeceira da mesa com os convidados, que já se achão accommodados em seus lugares.)*

ALFREDO. *Empunhando um copo de champagne.*

Bebo á loucura, ao prazer, ao espirito, á graça, á belleza, á rainha do Carnaval, á tua saude, Revolta.

TODOS. *Menos Revolta e Roberto.*

A' mesma!

ALFREDO.

Com hips e hurrahs.

TODOS. *Menos Roberto e Revolta.*

Hip, hip, hip.... hurrah! etc.

REVOLTA.

Mil vezes obrigada. Proponho tambem uma saude. (*Empunhando um copo*). Aos homens de bom gosto que roubão ás mulheres e ás filhas para gastarem connosco!...

ALFREDO.

Por outra: á tolice, á vaidade!... *Buquete, buquete...*

TODOS. *Menos Recolta e Roberto.*

Banguê!

ALFREDO. *A João da Silva que passa de braço com um dominó.*

João da Silva, bebemos á tua saude: agradece, incivil.

JOÃO DA SILVA. *Approximando-se.*

Obrigado. Porém peço licença para fazer um brinde em resposta. (*Alfredo enche-lhe um copo de champagne*). A'quelles que comprão com suspiros e lagrimas aquillo que compramos com ouro; que apparecem quando nos retiramos; que gozão quando estamos saciados; áquelles, emfim, que seduzem as nossas amantes, que sem elles nos serião fieis como as nossas mulheres, o que se tornaria excessivamente monotonico.—A' tua saude, Alfredo, á tua, Leopoldo, á dos teus compañeros!

REVOLTA.

Bravo, João da Silva ! Esta saude e a tua empreza, que, enriquecendo-te, empobreceu os accionistas, provão que és homem de espirito. Vem cear connosco.

JOÃO DA SILVA.

Não póde ser ; estou ouvindo em confissão esta innocente. Divertivos, meus filhos. (*Continua a passear pela sala.*)

MAGALHÃES.

D. Revolta, parece que já era tempo de tirar a mascara.

REVOLTA.

Ainda é cedo.

MAGALHÃES.

Queria ao menos saber quem foi o padrinho que lhe deu esse nome esquisito de *Revolta*.

REVOLTA.

O mundo !

MAGALHÃES.

E porque ?

REVOLTA.

E' a minha historia.

MAGALHÃES.

Conte-a, pois.

REVOLTA.

E' longa e fastidiosa. Receio aborrece-los.

MAGALHÃES. *A' parte.*

Senhor.... eu já ouvi esta voz.

LEOPOLDO.

Este dominó teve uma boa idéa, o que creio não lhe acontecerá todos os dias. Conta-nos a tua historia, Revolta. Não sei porque, parece-me que ha de ser mysteriosa como um romance de Rattcliff.

REVOLTA.

Conta-la-hei. Mas primeiramente desejo saber quem me acompanhará á casa.

TODOS OS HOMENS. *Excepto Roberto.*

Eu!...; Eu!...

REVOLTA.

Será quem pagar a cêa.

JOÃO DA SILVA. *Voltando-se.*

Então serei eu.

REVOLTA.

Aceito. Vir-me-has buscar d'aqui á meia hora.

JOÃO DA SILVA.

D'aqui á meia hora. Bem. (*Sahe com o seu par.*)

Scena VIII.

OS MESMOS MENOS JOAO DA SILVA.

MAGALHÃES.

Agora vamos á historia.

REVOLTA.

Com uma condição.... A minha historia, já o disse, é longa e fastidiosa; receio, pois, que ao concluir-la já não tenha ouvintes: exijo, portanto, que prometão-me não se retirarem, nem permittirem que ninguem se retire antes della terminada: é uma questão de amor proprio.

MAGALHÃES. *A' parte.*

Decididamente conheço esta voz.

LEOPOLDO.

Juramos.

REVOLTA.

Então oução-me. Ha dez annos era eu uma rapariga rica, e, a dar-se credito ao que se dizia, formosa e intelligente; tinha um pai que me es-

amava, e um parente a quem amava e por quem era amada. Um individuo que queria enriquecer depressa unio-se a um velho parasyta da nossa mesa, e tanto fizerão que o homem que meu coração escolhera para esposo foi morrer em longinquas terras; e eu, forçada por meu pai, tive de fazer a fortuna do ambicioso pretendente. (*Inquietação de Magalhães*) Nessa época não sondára eu ainda a alma desse homem; não sabia, pois, que de mazelles escondia por baixo da sua casca grossa; esperei por isso poder estima-lo, já que o não podia amar, e gozar dessa felicidade placida, ou antes resignada, que é a partilha de tantas mulheres. Mas o miseravel, apenas se achou de posse da minha pessoa, não continuou mais a fingir: a propria mascara da honradez incommodando-o, como ao obreiro os trajos domingueiros, logo que chegava a casa a arrancava, patenteando-se em toda a sua hediondez. Encheu-me de máos tratos; amancebrou-se com uma escrava minha! (*Movimento de Magalhães.*) E desde o insulto até á pancada brutal do carroceiro, tudo soffri.

LEOPOLDO.

Que tratante!

REVOLTA.

Nesse tempo um homem requestava-me; tinha eu, porém, os mais sãos principios, e por pouco que meu marido me estendesse a mão, não faltaria aos meus deveres. Mas elle só parecia querer acender em mim o desejo de libertar-me do jugo atrás a que estava sujeita; e das cousas chegarão a tal ponto, que não tive outro recurso senão fugir de casa. (*Magalhães ergue-se para sair. — Levantão-se todos.*)

ALFREDO. *Impedindo-o.*

Nada, meu caro; ha de ficar até ao fim. Lembre-se do que prometemos.

LEOPOLDO

Fugiste só?

REVOLTA.

Não; acompanhei um homem que jurára amar-me e proteger-me

sempre. Com elle deixei Pernambuco, com elle vim para o Rio de Janeiro. Era um espirito leviano, coberto de lentejoulas, mas completamente ôcco! Apesar disso, amei-o, porque nessa idade dos vinte annos o coração tem sêde de amor; amei-o, porque ao lado de meu marido todo e qualquer homem merecia a preferencia; amei-o, emfim, mesmo em razão do sacrificio que lhe fizera. Elle, porém, em pouco tempo esfriou. Reconheci então que fôra apenas o desejo de possuir-me, unido sobretudo á idéa de partilhar o que me pudesse tocar da fortuna de meu marido, o que o levára a seduzir-me. Mas meu marido quebrára de modo a ficar rico, e a não dar-me um obolo: e o meu seductor de mim estava saciado!

LEOPOLDO.

Porque não o abandonaste?

REVOLTA.

Porque?... Porque era o unico affecto que eu tinha em meu coração, o unico fio que me prendia á vida!... E demais, a mulher que se sente cahir agarra-se ao gume de um punhal, ainda que este lhe dilacere as carnes. Supportei, portanto, os seus desdens com inabalavel paciencia; achava mesmo mil razões para desculpa-lo, e esforçava-me para crer que elle amava-me ainda. Um dia, porém, soube que ia casar-se com uma menina rica manchada por uma falta. Fiquei como louca, e tive a cobardia de lançar-me a seus pés. pedindo-lhe com lagrimas de sangue que não me abandonasse; commetti mesmo a baixeza de procurar sua noiva e de contar-lhe tudo: nem um, nem outro se compadeceu de mim. Achei-me, pois, só no mundo, pobre, abandonada, sem ter uma pessoa que por mim se interessasse.

ROBERTO. *A' meia voz.*

Desgraçada!

REVOLTA.

Quiz tirar partido dos meus talentos; repellirão-me porque eu fugira de meu marido; quiz ser criada, as amas acharão-me formosa de mais! A miseria bateu-me á porta. Um dia.... não havia pão em casa; um homem entrou e offereceu-me ouro, indignada expulsei-o.

Envolvi-me em uma mantilha, postei-me á porta de uma igreja e... e pedi esmola para matar a fome!

JOANNINHA.

Pediste esmola, Revolta?

REVOLTA. *Com exaltação sempre crescente.*

Sim!... Mas deixa-me continuar. D'ahi a pouco um carro parava junto a mim, salpicando-me de lama. Delle apeáram-se meu antigo amante e sua mulher. Esta reconheceu-me, pois eu fizera um movimento involuntario que deixou vêr meu rosto, e com uma gargalhada, disse a seu marido: — Olha, alli está a tua amante pedindo esmolas. Atira-lhe com dous vintens.— Um grupo de gamenhos que a cortejavão, sorrirão-se, e elle, subjugado pelo olhar imperioso da mulher, atirou-me com uma moeda de cobre! A cruel continuou: — Meus senhores, sejam generosos, imitem a meu marido. — E esses levianos, sem se importarem com as lagrimas que me borbulhavão nos olhos, com o rubor que a vergonha me fazia subir ás faces, obedecerão. Era de mais!... Revoltei-me contra essa sociedade que me repellia e insultava, e jurei vingar-me dos homens. Vendo por toda a parte a infamia respeitada, a desgraça opprimida, os crimes galardoados, as faltas barbaramente castigadas, comprehendí que com as minhas idéas fazia no mundo um papel ridiculo: não pedi mais esmolas; vendi-me!

ROBERTO. *A' meia voz.*

Infeliz!

REVOLTA.

Em breve tornei-me a leôa do Rio de Janeiro; e o meu antigo amante teve a ousadia de procurar-me.

ROSINHA.

Mandaste-o pôr fóra pelos teus criados.

REVOLTA.

Não; recebi-o como recebia os outros. E o homem que me desprezára outr'ora quando eu o amava com todas as forças de minha alma,

amou-me quando, tornando-me uma mulher perdida, confundia-o na turba dos meus adoradores. Oh!... os homens!... os homens!... farião rir se não causassem nojo! Vinguei-me. Em pouco tempo levei-o á ruína, á deshonra; e hoje tendo deixado a família na miséria, vive nos Estados-Unidos, á custa de uma mesada mesquinha que lhe envio. dizendo-lhe sempre:—São os juro dos dous vintens que me deu de esmola. — Ah! tenho-me vingado dos homens! E quando algum se roja a meus pés, e com a voz embargada pelo desespero, me diz:— Mulher não tens coração—, respondo-lhe sorrindo:—Teus iguaes m'o arrancarão; e o cadaver da victima não póde compadecer-se dos seus assassinos.— Agora dize-me, dominó, queres saber quem sou? Olha... (*Segura Magalhães por um braço, e com uma das mãos tira a mascara.— Magalhães abaix a cabeça.*)

ROBERTO. *A' meia voz.*

Amelia!... Eu bem o suspeitava!

LEOPOLDO.

E quem era teu marido?

AMELIA.

Era o Sr. Magalhães, homem rico e poderoso ante quem, apesar de banca-roteiro, muitas cabeças se vergão! (*Arranca a mascara de Magalhães.*)

MAGALHÃES.

Insolente! (*Alfredo interpõe-se; Amelia affasta Alfredo que segura Magalhães pelo braço.*)

AMELIA.

Cala-te, miseravel. Foste tu quem me perden, e acho-te tão vil, que do fundo do abysmo em que cahi vejo-te ainda muito abaixo dos meus pés. (*Aos convivas*). Amigos, quando este homem passar por junto de vós, cuspi-lhe na cara! (*A Magalhães*). E tu reflecte que amanhã esta historia estará divulgada; que os levianos rir-se-hão do marido da mulher perdida, e os homens sizudos te repellirão.

JOÃO DA SILVA. *Entrando.*

São horas, Revolta.

AMELIA. *A Magalhães.*

Sahe!... mas lembra-te que arremessando-me neste charco immun-

do tambem te cobriste de lama. (*Magalhães ergue os hombros e vai a pertar a mão de Roberto, que lhe dá as costas; bem como a de Alfredo e Leopoldo de quem tambem tenta despedir-se. Todos imitão a Roberto.*) O teu castigo começa.

MAGALHÃES. *Furioso, avançando para Amelia.*

Atrevida!

JOÃO DA SILVA. *Interpondo-se.*

Retire-se, e não me obrigue a castiga-lo. (*Magalhães de novo tenta avançar para Amelia.—Silva segura-o pelos braços com energia.*) Saia!... (*Indicando-lhe a porta.*) Saia!

MAGALHÃES.

Oh!... como me hei de vingar?! (*Sahe.*)

Scena IX.

OS MESMOS, MENOS MAGALHÃES.

AMELIA. *A Roberto de parte, em quanto os outros conversam em grupo.*

Doutor, ouviu a minha historia; não peço que me perdõe; seria muito exigir!... Mas é bom e generoso, por isso estou certa que me ha de conceder o que lhe vou pedir.

ROBERTO.

O que queres, Amelia?

AMELIA. *A' meia voz.*

Eu não disse tudo. Tive uma filha. tome-a sob a sua protecção. eduque-a, e occulte-lhe sempre o meu nome e a minha vida.

ROBERTO.

Desgraçada!

AMELIA.

Sim, bem desgraçada!... e esta separação é para mim o golpe mais tremendo! Prefiriria soffrer todas as torturas: mas devo vergar-me para seu bem. Doutor, de joelhos lhe peço—salve-a!

ROBERTO. *Impedindo Amelia de ajoelhar-se.*

Amelia, arrepende-te. Não vês que essa obrigação em que estás de separar-te de tua filha é já um terrivel castigo?

AMELIA.

Oh! immenso!... esmagador!... eu bem o sinto. Mas é tarde!... Esta vida é um plano inclinado, e ai daquella a quem lhe falseia o pé; deve rolar até ao fundo! Porém não se importe comigo. Quer ser o anjo da guarda de minha filha?

ROBERTO.

Quero, Amelia, e com prazer aceito esse penhor sagrado.

AMELIA. *Querendo beijar-lhe as mãos.*

Oh!..., obrigada, meu amigo, mil vezes obrigada!...

ROBERTO.

Acalma-te.

AMELIA.

Amanhã ella lhe será entregue. Vele sobre a desgraçada, e não se esqueça que sua mãe... que sua mãe — morreu! Adeos!... para sempre!... adeos!...

ROBERTO.

Amelia, onde vais?

AMELIA.

Caminho do hospital! (*Alto.*) Rapaz, genebra! (*O criado enche um copo, que ella esvasia rapidamente.*) João da Silva, espera dez minutos... Amigos ao baile!... Alfredo, uma valsa delirante!

TODOS. *Menos Roberto.*

Ao baile!

ALFREDO. *Sahindo com os mais.*

Viva Revolta, a rainha do Carnaval!

TODOS.

Viva!... viva!...

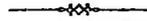
ROBERTO. *Chegando-se á boca da scena.*

Vieira!.. Vieira!... eis o que fizeste de tua filha!..

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

O theatro representa uma sala de visitas mobiliada com decencia.



Scena I.

D. MARIA E FREDERICO.

FREDERICO. *De botas á mineira, entrando.*

Bons dias, minha mãe! (*Beijando a mão de D. Maria.*) Como está?

D. MARIA.

Como hei de estar?... Sã de espirito, e por tanto sã do corpo. Sabes o que hoje descobri lançando por acaso os olhos ao espelho?

FREDERICO.

Que ainda está moça o bonita.

D. MARIA.

Não, brejeiro; mas que ha sete annos que não envelheço; nem mais uma ruga, nem mais um cabello branco me tem apparecido. Se as cousas continuarem assim, chego a idade de Mathusalem.

FREDERICO.

Deos o permitta, minha mãe.

D. MARIA.

A ti o deverei. São os teus cuidados e carinhos que me têm conservado.

FREDERICO.

Boa mãe ! Já se esqueceu de que forão as minhas loucas extravagancias que fizeram nascer os seus primeiros cabellos brancos? Que as suas primeiras rugas forão cavadas pelas lagrimas que por minha causa derramou?

D. MARIA.

Para que te recordas desse tempo que já lá vai?... O sangue dos vinte annos fervia-te nas veias : fizeste as loucuras proprias da tua idade. Não voltemos mais a esse assumpto. Dize-me antes como achas este vestido. (*Mostra lhe o vestido que está cozendo.*)

FREDERICO.

Muito bonito.

D. MARIA.

Sabes para quem é?

FREDERICO.

Não.

D. MARIA.

E' para Amelia, quero fazer-lhe uma surpresa. Não ignoras que por cousa alguma quer largar aquelle vestido de lã preta que lhe dá ares de uma freira que cose dia e noite, mas não para si, pois que todo o dinheiro que com essas costuras ganha, reparte-o em esmolas. Ora isto não póde continuar assim. Tenho aconselhado, ralhado mesmo; mas aos meus conselhos responde com um sorriso tão triste, que corta-me o coração; e quando ralho, beija-me a mão com lagrimas nos olhos, mas nem por isso muda de systema.

FREDERICO.

E como hade minha mãe fazer com que ella aceite o seu presente?

D. MARIA.

Tenho cá o meu plano. Hoje deito-me cedo; e quando ainda não for dia, entro pé ante pé no seu quarto, que communica com o meu, faço em pedaços a tal mortalha com que anda, e como tem de sahir amanhã para ir cuidar da nossa pobre vizinha, que desde que

está doente não tem tido outro enfermeiro, custe-lhe o que custar, hade enfiar este vestido, que deixarei em lugar do outro. O que dizes a isto, Frederico?

FREDERICO. *Beijando-lhe a mão.*

Que minha mãe é uma boa e santa mulher.

D. MARIA.

Não me faças elogios por tão pouco Não velou Amelia á minha cabeceira com amor de mãe?... Não me cerca de cuidados, e não supporta as minhas rabujens com a dedicação de uma filha? Que admira, pois, que alguma cousa, e tão pouco, faça por ella? Queres adular-me, bem o vejo. Mas toma tento: tu e ella estão-me pondo a perder com mimos e affagos; e sinto que já vou ficando exigente como uma criança malcriada, e....

UM ESCRAVO. *Entrando.*

Um senhor já idoso quer fallar com senhor moço doutor.

D. MARIA.

Algun doente que aproveita a tua vinda aqui para te consultar. (*Ao escravo*). Manda entrar. (*O escravo sahe. — A Frederico*). Vou para dentro; mas recommendo-te que nem de longe dês a entender a Amelia cousa alguma a respeito do vestido.

FREDERICO.

Fique tranquilla, minha mãe.

D. MARIA.

E' que quanto a segredos, em homens não ha que fiar; são todos uns cestos rotos.

FREDERICO. *Beijando-lhe a mão.*

O ditado não diz exactamente isto.

scena II.

FREDERICO E ROBERTO.

ROBERTO. *Entrando de botas á mineira como quem chega de viagem.*

E' ao Sr. Dr. Frederico que tenho a honra de fallar.

FREDERICO.

Eu proprio. O que deseja?

ROBERTO.

O meu nome lh'o dirá. Sou o Dr. Roberto.

FREDERICO. *Estendendo-lhe affectuosamente a mão.*

Seja bem vindo, Dr. Anciosamente o esperava.

ROBERTO.

Recebi uma carta sua, na qual, em nome de uma infeliz, a quem muito estimei: pedia-me que trouxesse comigo uma menina, filha dessa desgraçada, que ella outr'ora confiou aos meus cuidados.

FREDERICO.

Trouxe-a?

ROBERTO.

Sim.

FREDERICO.

Oh! que immenso prazer sentirá a pobre mãe abraçando-a!

ROBERTO

Devagar, collega, devagar. O senhor diz-me em sua carta que Amelia mudou de vida: isto é muito bom; porém preciso de alguns esclarecimentos mais. Criei e eduquei essa menina como se ninha filha fosse, e de certo não a entregarei á Amelia sem que primeiro esteja bem ao facto da sua posição social, e dos seus sentimentos actuaes.

FREDERICO.

O que deseja, pois?

ROBERTO

Sei que o senhor é homem de bem, todos m'o têm assegurado, e basta vel-o para ter disso certeza; como, porém, a sua carta é pouco explicita, desejo que me diga fracamente o que sabe a respeito de Amelia. Asseguro-lhe que o acreditarei piamente.

FREDERICO.

Os seus escrupulos são justos, doutor. Vou pois, em obediencia a

elles, referir-lhe tudo quanto sei. Juro-lhe que só a verdade ouvirá.
(*Offerece uma cadeira a Roberto.*)

ROBERTO. *Sentando-se.*

Disto estou certo.

FREDERICO.

Dous dias depois que a desventurada mãe lhe confiou sua filha, soube que Amelia estava gravemente enferma. Uma febre cerebral, resultado dos abalos violentos que soffrera, a prostára no leito da dôr. Postei-me á sua cabeceira, e então, reunindo as phrases que no seu delirio pronunciava, fiquei sciente de sua vida inteira, e comecei a consideral-a, mais como uma victima do que como uma mulher criminosa.

ROBERTO.

Assim é, na verdade.

FREDERICO.

Felizmente a molestia foi vencida, e Amelia em breve entrou em convalescença, porém durante a sua perigosa enfermidade o seu modo de pensar tinha completamente mudado. Sahia do tumulto purificada. As idéas de desespero e de vingança, que a collocarão em luta aberta com a sociedade, havião sido substituidas por uma resignação dolorida, sim, mas profunda. Já não era mais a—*Revolta*, era a—*Arrependida*! Desgraçadamente, a nossa organização social é tal, que a uma mulher é muito mais facil perder-se do que regenerar-se.

ROBERTO.

Infelizmente, tem razão.

FREDERICO.

Mas eu alli estava, e procurei por todos os meios coadjuval-a nos seus santos intentos. Fui ter com minha mãe, contei-lhe a vida de Amelia, pintei-lhe com côres verdadeiras o seu arrependimento, e fiz-lhe ver que a desventurada tivera em suas mãos a minha honra, e que salvara-me regeitando o amor que eu lhe offerecera. Minha mãe, que, por isso mesmo que nunca tropeçou, encontra em sua alma inesgotavel clemencia para aquellas que cahem, comprehendeu-me, e Amelia veio viver em sua companhia.

ROBERTO.

E o senhor ?...

FREDERICO.

Fiquei residindo na proxima villa.

ROBERTO.

Muito bem.

FREDERICO.

Amelia tornou a ser o que era quando o senhor a conheceu : um anjo de bondade. Collocou-se por vontade propria em uma posição inferior ; trabalha dia e noite para soccorrer os pobres, e não ha nestes arredores um desgraçado que não lhe deva pelo menos consolações. Humilde como quem tem mil erros a resgatar, vive entre nós socegada na apparencia ; mas no realidade devorada por uma dôr cruenta : saudades de sua filha, desejo ardente de vel-a.

ROBERTO.

Foi ella quem lh'o disse?

FREDERICO.

Não ; e até estou certo que suppõe que eu ignoro a existencia de sua filha.

ROBERTO.

Então como sabe que ella tem esse desejo !

FREDERICO.

Com sollicita indiscrição, minha mãe a tem espionado ; e assim pôde surprende-la varias vezes derramando copiosas lagrimas sobre o retrato de uma menina que cobre de beijos, e a quem dirige mil phrases repassadas do mais fervente amor materno — Foi o que me esclareceu. Agora, doutor, diga-me se a expiação não tem sido por demais longa ; se ainda não é tempo de, entregando-se-lhe sua filha, lançar sobre as feridas de sua alma esse balsamo consolador. Por ventura o seu tão sincero arrependimento só poderá achar piedade ante os olhos de Deos ? Os homens tambem não se compadecerão della ?

ROBERTO. *Erguendo-se commovido.*

Seria com effeito uma iniquidade negar-se-lhe esse conforto.—Amelia daqui ha pouco abraçará sua filha. Vou busca-la. (*Ergue-se.*)

FREDERICO. *Apertando-lhe a mão.*

Bem, doutor, outra cousa não esperava do seu bondoso coração. Agora uma pergunta. E' certo que o marido de Amelia morreu?

ROBERTO.

Certissimo : até diz-se que envenenado pela escrava com quem se amancebára.

FREDERICO.

Obrigado, doutor, e até já.

ROBERTO.

Até já.

FREDERICO. *Acompanha Roberto até á*

porta.

Recommendo-lhe que não faça a pobre mãe uma surpresa por demais brusca.

ROBERTO. *Despedindo-se.*

Deixe tudo ao meu cuidado. (*Sahe.*)

Scena III.

FREDERICO E AMELIA.

Amelia trajando um vestido de lã preta, sem o menor ornato.

AMELIA.

Bons dias, Sr. Frederico.

FREDERICO.

Bons dias, D. Amelia. Vai sahir?

AMELIA.

Vou visitar a vizinha. Coitada !... está tão mal !

FREDERICO.

Não ; hoje acha-se melhor. Em attenção ao seu pedido, estive com ella ha pouco. Póde, por tanto, demorar-se, tanto mais que tenho de fallar-lhe sobre um assumpto muito grave : trata-se do nosso futuro.

AMELIA.

Do nosso futuro !!

FREDERICO.

Sim, D. Amelia ; seu marido morreu.

AMELIA.

Já o sabia. Deus lhe perdoe como eu lhe perdoei.

FREDERICO.

Hoje por tanto, posso fallar-lhe com franqueza : amo-a, D. Amelia.

AMELIA.

Sr. Frederico !... (*Quer retirar-se ; Frederico a retém pela mão.*)

FREDERICO.

Ouçá-me, por compaixão. O que tenho a dizer-lhe é tão puro, que, se o exigir, chamarei a minha mãe para que assista á nossa conversação.

AMELIA.

Não é preciso ; tenho tido tantas provas do seu cavalheirismo, que duvidar da nobreza de seus sentimentos seria da minha parte imperdoavel.

FREDERICO.

Attenda-me, pois. Amei-a e amo-a ; mas entre o sentimento que outr'ora lhe votava e o que hoje lhe consagro ha uma distancia enorme ! No passado era uma cobiça ardente, impura, louca ! Agora é um sentimento de affeição, sincero, calmo, reflectido como o comportão as nossas posições e idades ; e para prova, D. Amelia, offereço-lhe a mão de esposo. (*Estendendo-lhe a mão.*)

AMELIA. *Sem tomar-lhe a mão, e com reconhecimento.*

Obrigada, obrigada.

FREDERICO. *Com transporte.*

Então aceita?

AMELIA. *Com tristeza.*

Recuso.

FREDERICO.

Recusa!

AMELIA.

Sim, Sr. Frederico. Aceitar a offerta que me faz prestando ouvidos aos impulsos generosos do seu coração, seria pagar com a mais negra ingratição os immensos beneficios que o senhor e sua mãe me tem prodigalizado: atiral-o ás censuras, aos motejos do mundo, aos epigrammas e chufas dos afeiçoados e inimigos, não o posso, nem o devo fazer. Entre nós ergue-se uma muralha de bronze—o passado, que o mundo nunca esquece nem perdôa!

FREDERICO.

Não creia nisso, D. Amelia. Por ventura, como o seu, o meu passado não teve tambem manchas?... Não commetti erros?... Não enchi minha mãe de pezares?... Meus parentes e amigos de vergonha?... Entretanto, não recebeu-me a sociedade com os braços abertos?

AMELIA.

O Sr. é homem; e um homem se regenera e purifica: a mulher nunca! A nódoa que uma vez a polluo é eterna; nem todas as suas lagrimas, nem todo o seu sangue a podem lavar.

FREDERICO.

Engana-se, D. Amelia; e se assim fosse seria um prejuizo atroz contra o qual todos os homens de coração devião levantar-se. E depois, não foi a senhora quem me salvou?... Não foi o amor que lhe consagrei que me levou a seguir uma vereda opposta áquella que eu tinha até então trilhado?... E não seria tambem uma ingratição negar-lhe

esse nome que por sua causa tornou-se honrado e respeitado? Reflecta ainda, que se eu, que caí no vicio, quando aliás tudo me guiava ao bem, pude retomar a posição perdida, com mais razão a retomará quem, como a senhora, foi levada ao erro, não por amor da perdição, mas sim pelo desespero, pela barbaridade e cegueira daquelles que a devião guiar e amparar. Forão as idéas falsas que dominão a nossa sociedade que a arremeçarão na terrivel voragem em que por algum tempo viveu, e foi a sua inclinação pará o bem que della a fez sahir, comprando cada falta com um acto de abnegação e caridade: o mundo não a póde, pois, com justiça repellir. Além disto, aqui, longe da côrte, quem sabe qual foi a sua existencia passada?

AMELIA.

A minha consciencia, e isso basta.

FREDERICO.

Porém, D. Amelia....

AMELIA.

Não mais insista, Sr. Frederico. Esses sophismas de que se tem servido, filhos de uma alma pura e leal; mas cega pela affeição, não mudarão a minha linha de conducta: conheço o meu lugar, e delle não sahirei. Entretanto, fui leviana; deveria ter previsto que mais tarde ou mais cedo o senhor fallar-me-hia de amor, e cumpria-me não aceitar a offerta que me fez sua excellente mãe — de vir viver em sua companhia. Suppuz, porém, que o senhor se tivesse esquecido!... E a vida me era tão doce aqui!... Mas hoje mesmo partirei.

FREDERICO.

D. Amelia, o que diz!

AMELIA.

O que farei.

UM CRIADO. *Entrando,*

Um senhor deseja fallar a Sra. D. Amelia.

AMELIA.

Faça o favor de o mandar entrar. (*O criado sahe.*)

FREDERICO.

Por compaixão, ouça-me...

AMELIA.

Não!... é impossível!...

FREDERICO.

Prometta-me ao menos reflectir ainda antes de dar esse passo.

AMELIA.

E' inutil.

FREDERICO.

Fatalidade!... fatalidade!... *(Sahe.)*

Scena IV.

AMELIA E ROBERTO.

AMELIA.

Soffri, mas cumpri o meu dever. *(Ergue os olhos e dá com Roberto no limiar da porta.)* Doutor!... *(Corre ao encontro de Roberto; mas de repente estaca e abaixa a cabeça.)*

ROBERTO. *Entrando.*

Ergue a cabeça, Amelia: o arrependimento purificou tua alma. Ergue a cabeça, filha: ninguém mais tem o direito de te fazer corar. *(Abraça-a.)*

AMELIA.

Oh!... doutor, como é bom e generoso!

ROBERTO.

Sou apenas justo.

AMELIA.

Então julga que poderei um dia....

ROBERTO.

O que?

AMELIA.

Abraçar minha filha !

ROBERTO.

Bem sabes que não t'a entregaria nunca se não te julgasse completamente regenerada. Pois bem,...

AMELIA.

Acabe, doutor, acabe ; esta ançiedade me mata. Não sei o que me advinha o coração, o que suas palavras me annuncião.... Se me enganasse, meu Deos !....

ROBERTO.

Acalma-te, Amelia, e prepara-te para a felicidade. (*Entra D. Maria com Emilia pela mão.*)

Scena V.

AMELIA, ROBERTO, D. MARIA, EMILIA E DEPOIS FREDERICO.

ROBERTO.

Tua filha alli a tens: entrego-t'a.

AMELIA. *Com transporte correndo para sua filha.*

Minha filha !... (*Ajoelhando-se para a abraçar e beijar melhor.*)

EMILIA. *A Roberto.*

Titio, quem é esta senhora ?

ROBERTO.

E' tua mãe.

EMILIA. *Beijando e abraçando Amelia.*

Minha mãe !... minha querida mãe !... E eu, que tanto resei por ella pensando que estava no céu !

AMELIA. *Transportada.*

Oh !... doutor, é mentira ;—o prazer não mata ! (*Apparece no fundo Frederico.*)

EMILIA.

Titio Roberto, meu pai tambem não ha de ter morrido: onde está elle?

ROBERTO.

Teu pai...

AMELIA. *Erguendo-se, á meia voz.*

Oh!... o passado!... Tinha-me esquecido delle, e vingá-se esmagando-me na hora da mais suprema felicidade.

FREDERICO.

Ainda persistes?

AMELIA.

Ainda, e sempre.

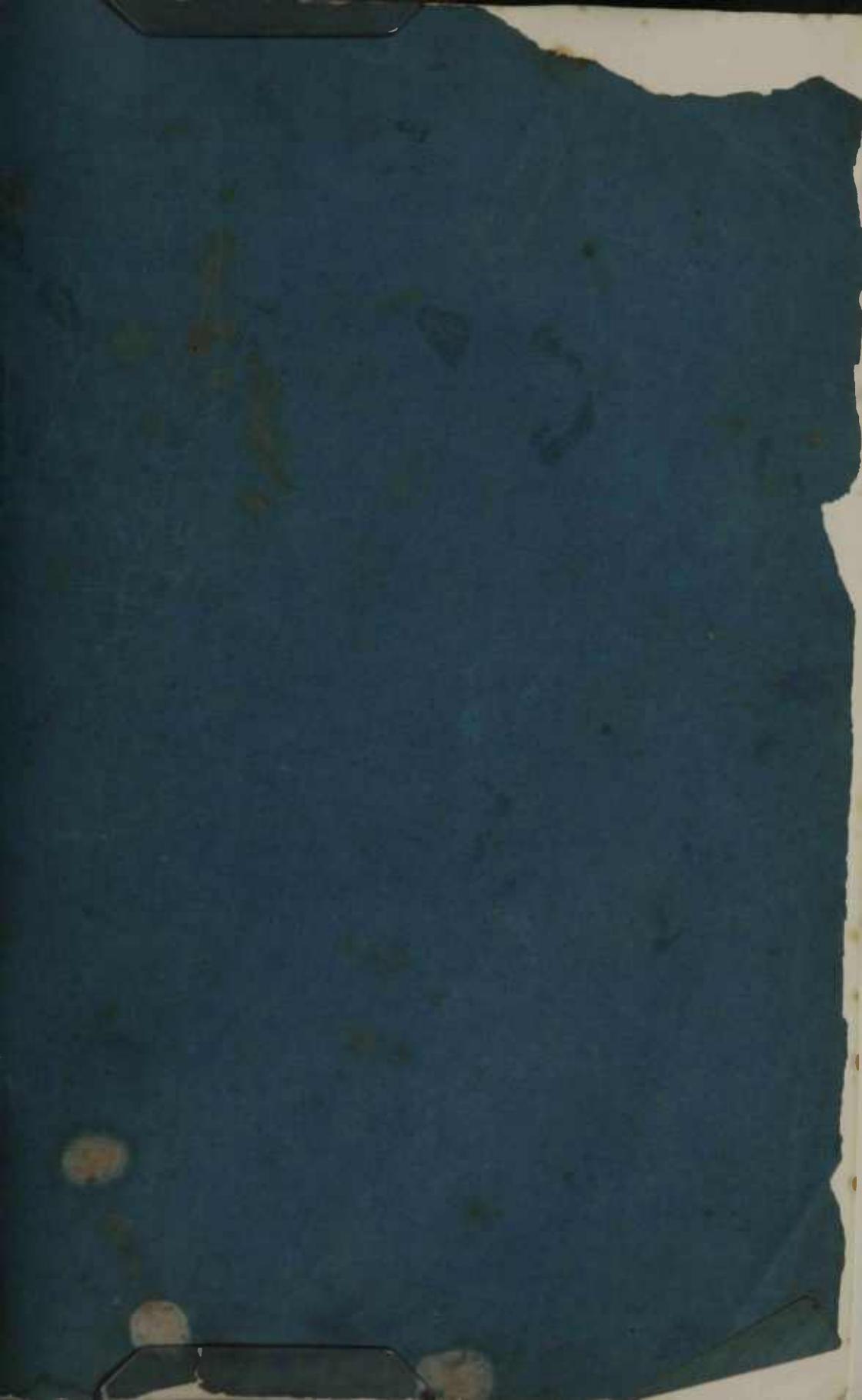
FREDERICO.

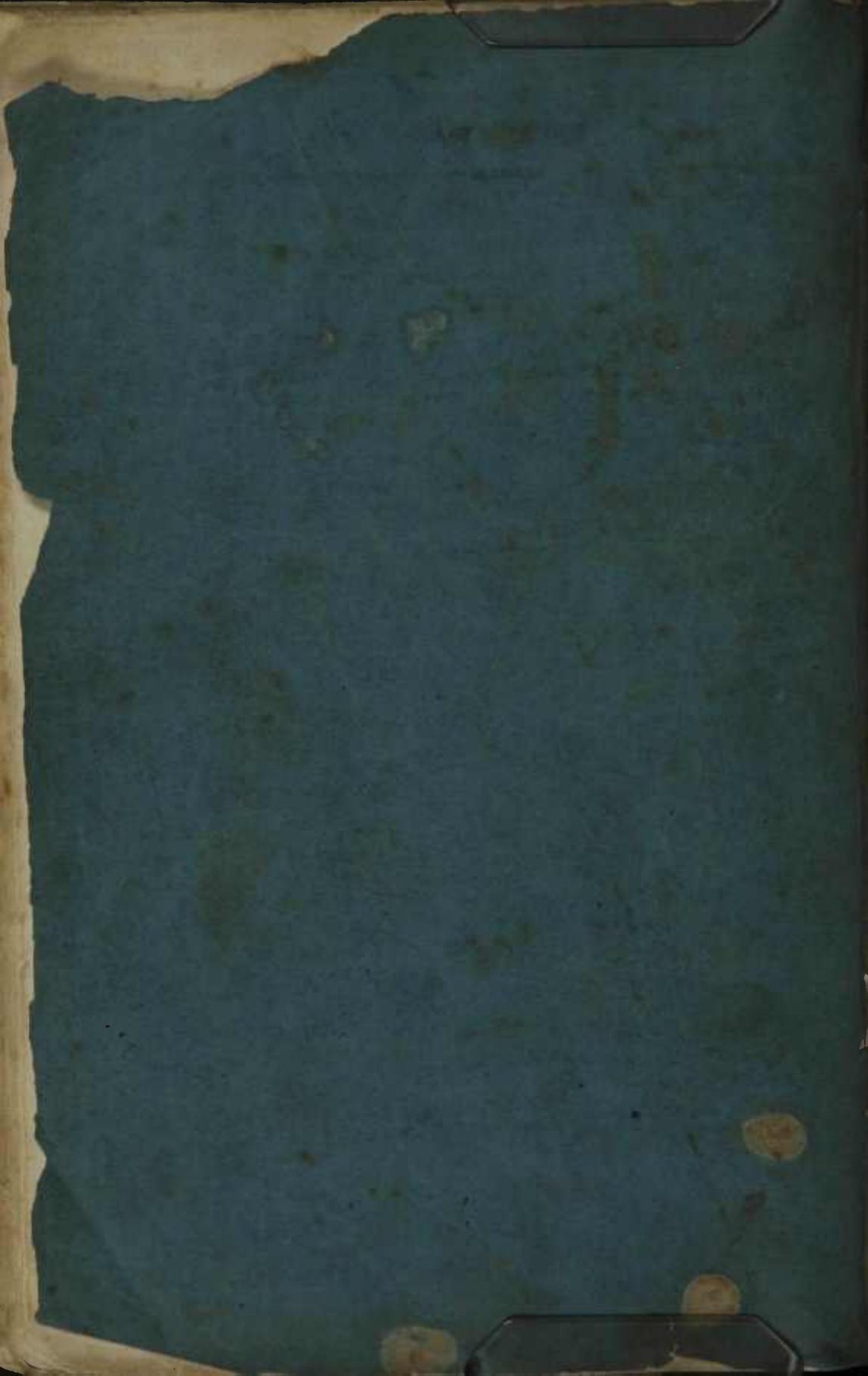
Desgraçada!

AMELIA.

Não. Feliz, muito feliz! Magdalena só teve os braços da cruz para se abrigar, eu tenho os de minha filha.

FIM.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).